



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ -CCIM
CURSO PEDAGOGIA

ANANDA FERNANDA COSTA DA SILVA

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E MULHERES EM AÇÃO: ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO
DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO CINEMA

Imperatriz

2023

ANANDA FERNANDA COSTA DA SILVA

**EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E MULHERES EM AÇÃO: ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO
DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO CINEMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus
Imperatriz, como parte das exigências para a obtenção do
título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Camila Rodrigues Viana

Imperatriz

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

COSTA DA SILVA, ANANDA FERNANDA.

EDUCAÇÃO MÍDIÁTICA E MULHERES EM AÇÃO: ANÁLISE DA
CIRCULAÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO CINEMA /
ANANDA FERNANDA COSTA DA SILVA. - 2023.

70 p.

Orientador(a): CAMILA RODRIGUES VIANA.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, IMPERATRIZ, 2023.

1. ALFABETIZAÇÃO MÍDIÁTICA. 2. CINEMA. 3.
REPRESENTAÇÃO FEMININA. I. RODRIGUES VIANA, CAMILA. II.
Título.

ANANDA FERNANDA COSTA DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E MULHERES EM AÇÃO: ANÁLISE DA
CIRCULAÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO CINEMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus
Imperatriz, como parte das exigências para a obtenção do
título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Rodrigues Viana

BANCA EXAMINADORA

Profa.: Dra. Camila Rodrigues Viana (UFMA)

Orientadora

Profa.: Dra. Eloiza Marinho dos Santos (UFMA)

Membro avaliador

Profa.: Dra. Késsia Mileny de Paulo Moura (UFMA)

Membro avaliador

Imperatriz

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família.

À minha mãe, Maria do Socorro, por nunca ter desistido, por acreditar em mim e por ser meu maior exemplo de força, garra e determinação.

À minha irmã, Amanda, que esteve ao meu lado me dando apoio e me mostrando que desistir não é uma opção.

Aos meus amigos, por serem meu alívio nas horas de sufoco e por terem suportado meu choro ao longo dessa trajetória.

Aos meus professores e amigos do Curso de Pedagogia, pela amizade e incentivo durante esses anos, eu aprendi muito com vocês!

As oportunidades de Estágios e desenvolvimento no PIBID que geraram meu amor por essa profissão.

À professora Camila, minha orientadora, por ter aceitado o desafio de construir essa pesquisa comigo e ter dedicado seu tempo, paciência e ensinamentos para que se concretizasse.

E por fim, gostaria de agradecer a mim, por me permitir sonhar e mesmo diante das diversidades não desistir.

Nós vamos ao cinema para nos divertir, mas se o que restar após assistir ao filme for uma espécie de nova perspectiva em relação a algumas questões sociais, então ele pode ser uma obra de arte realmente poderosa.

Jordan Peele.

RESUMO

A pesquisa propõe dialogar com as representações de protagonismo feminino no universo cinematográfico com educação midiática. Desta forma, tem-se como finalidade analisar a circulação discursiva de personagens femininas no universo cinematográficos, bem como compreender o cinema como uma prática pedagógica na alfabetização, identificar as formas que a figura feminina é abordada nos filmes recomendados para crianças, refletir o papel do cinema para o processo de alfabetização midiática e protagonizar personagens femininos que foram construídos diferentes dos clássicos contos de fadas. A metodologia foi abordagem qualitativa, do tipo documental e a técnica adotada foi a análise de conteúdo. Para a pesquisa foram escolhidas as personagens: Mulan, Fiona e Arlequina, especialmente a construção do ethos, os aspectos de linguagem (fala), comportamentos, personalidade, relações sociais e afetivas e a função social desempenhada e esperada por cada uma, em diferentes tempos históricos. De modo geral, foi perceptível representações e construções dos ethos das personagens são compostas por uma visão patriarcal da sociedade, porém há avanços e desconstruções de padrões da imagem da mulher clássica dos contos de fadas. Teremos um “era uma vez” e “um felizes para sempre” com noções reflexivas que podem ser aplicadas em sala de aula e potencializar as práticas de letramento de leitura e escrita. Tornando a alfabetização e as telas mais interativas e significativas.

Palavras-Chave: Representações Feminina. Cinema. Alfabetização midiática.

ABSTRACT

The research proposes to dialogue with the representations of female protagonism in the cinematographic universe with media literacy. In this way, one can seek to analyze the discursive circulation of female characters in the cinematographic universe, as well as understand cinema as a pedagogical practice in literacy, identify the ways in which the female figure is approached in films recommended for children, reflect the role of the cinema for the media literacy process and starring female characters who were constructed different from classic fairy tales. The methodology was a qualitative, documental approach and the technique adopted was content analysis. For the research, the characters were chosen: Mulan, Fiona and Harlequin, especially the construction of ethos, aspects of language (speech), behavior, personality, social and affective relationships and the social function performed and expected by each one, at different times historical. In general, it was noticeable that representations and constructions of the characters' ethos are composed of a patriarchal view of society, but there are advances and deconstructions of patterns of the image of the classic woman in fairy tales. We will have a “once upon a time” and “happily ever after” with reflective notions that can be applied in the classroom and enhance reading and writing literacy practices. Making literacy and screens more interactive and emission.

Keywords: Female Representations. Movie theater. Media literacy

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lanterna Mágica	15
Figura 2 – Praxinoscópio.....	15
Figura 3 – Cinetoscópio	16
Figura 4 – Cinematógrafo	17
Figura 5 - Competência Geral do Ensino Fundamental na língua portuguesa	23
Figura 6 - Habilidades do 5º ano do Ensino Fundamental.....	23
Figura 7 - Habilidades do 5º ano do Ensino Fundamental.....	23
Figura 8 – Competência Geral do da disciplina de Artes do Ensino Fundamental.....	24
Figura 9 - Habilidades na disciplina de artes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental	24
Figura 10 - Discurso segundo Maingueneau (2015)	32
Figura 11 - Figura 10: Ethos, pathos e logos.....	35
Figura 12 - Poster do filme Mulan.....	40
Figura 13 - Mulan é arrumada para encontrar a casamenteira	42
Figura 14 - Mulan se fantasia de homem e foge de casa para substituir seu pai no exército...43	
Figura 15 - Mushu desenvolve uma relação afetiva com Mulan e a ajuda em sua jornada	43
Figura 16 - Mulan mostra suas habilidades de luta	44
Figura 17 - Poster do Filme Shrek 1 (2001).....	46
Figura 18 - Shrek ler o diário de Fiona	47
Figura 19 - Fiona usa luta contra homens para impedir seu sequestro	48
Figura 20 - As princesas se reúnem em um chá de bebê e dão conselhos a Fiona sobre casamento e filhos.....	51
Figura 21 - As princesas se unem para lutar contra o Príncipe Encantado	52
Figura 22 - As princesas salvam tão, tão distante.....	53
Figura 23 - Poster do filme Esquadrão Suicida (2016).....	54
Figura 24 - Enquanto dialoga com guarda Arlequina lambe a cela.....	55
Figura 25 - Arlequina em seus primeiros momentos na cadeia.....	55
Figura 26 - Arlequina troca de roupa enquanto é observada.....	56
Figura 27 - Arlequina é presa em um golpe por trás.....	57
Figura 28 - Arlequina permanece ao lado de Coringa mesmo insatisfeita com a relação	57
Figura 29 - Arlequina sonha com uma vida ao lado de Coringa	58
Figura 30 - Mãe e filha se fantasiam de Arlequina para pular carnaval	59

Figura 31 - Arlequina usa roupas coloridas representando sua personalidade.....	50
Figura 32 - Arlequina corta as mechas do cabelo	61
Figura 33 - Arlequina adota Bruce	61
Figura 34 - Arlequina quebra as pernas de um homem	62
Figura 35 - Arlequina luta contra vários homens e mostra suas habilidades físicas e mentais.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ARTE CINEMATOGRAFICO NA EDUCAÇÃO	14
1.1 CINEMA E A SOCIEDADE AUDIOVISUAL	14
1.2 CINEMA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: CAMINHOS PARA ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA.....	20
2 REPRESENTAÇÕES NO CINEMA: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS FEMININO	28
2.1 DISCURSO- REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO	31
2.2 IDEOLOGIA- IMAGINÁRIO- CONSTRUÇÃO DISCURSIVAS	33
2.3 ETHOS- CONSTRUÇÃO DA IMAGEM/CREDIBILIDADE.....	34
3 METODOLOGIA	38
4 MULHERES EM AÇÃO: ANÁLISES DAS PERSONAGENS	40
4.1 MULAN- FILME MULAN (1998)	40
4.2 PRINCESA FIONA- FILME SHREK 1 (2001), SHREK 2 (2004) E SHREK 3 (2007) ..	46
4.3 HARLEEN QUINZEL (ARLEQUINA) - FILMES ESQUADRÃO SUICÍDA (2016) E AVES DE RAPINA: ARLEQUINA E SUA EMANCIPAÇÃO (2020)	53
4.4 CINEMA. ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NA PRÁTICA.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERENCIAS	68

INTRODUÇÃO

A presença das mulheres é comum em todas as mídias e meios de comunicação por telas e áudios, dessa forma, muitas vezes elas são expostas e projetadas por um olhar patriarcal e tendencioso que as moldam em um perfil padrão estereotipado da perfeição, são representações relacionadas às vestimentas, família, comportamentos e aparências que fomentam ainda mais a pressão que a figura feminina carrega estabelecida pela sociedade.

Nessa mesma linha de raciocínio, no contexto cinematográfico, as representações das mulheres têm como predominância estereótipos femininos que determinam a estética e o comportamento, além de associar as mulheres dependentes da figura de um homem. Porém, com o avanço de movimentos feministas e a insatisfação das mulheres ao serem colocadas em lugar de submissão, atualmente se é possível ver nas telas mulheres em locais de protagonismo com histórias em que ela é a sua heroína.

As tecnologias, como o cinema, por estarem presentes cada vez mais cedo na vida das crianças têm o poder de criar opiniões, argumentos, modificar pensamentos, comportamentos e concepções, sendo uma ótima aliada na educação destes. A mídia tem a capacidade de persuadir, convencer e desenvolver argumentos. Nesse sentido, ao utilizar das mídias, o professor passa a ser mediador do conhecimento de seus alunos e integra o contexto de sua realidade, possibilitando o rompimento de estereotípicos criados em suas relações sociais e mostrando que todos são capazes de conquistar e dominar diversos espaços, independentemente do seu sexo e das exigências impostas pela sociedade.

Com efeito, tem-se como pergunta norteadora: De que modo a figura feminina circula no cinema e como as representações das personagens podem ser uma prática pedagógica na alfabetização? Com base nessa questão pretende-se analisar a circulação discursiva de personagens femininas no universo cinematográficos, bem como compreender o cinema como uma prática pedagógica na alfabetização, identificar as formas que a figura feminina é abordada nos filmes recomendados para crianças, refletir o papel do cinema para o processo de alfabetização midiática e protagonizar personagens femininos que foram construídos diferentes dos clássicos contos de fadas.

A ideia surgiu a partir da afinidade da autora pelo cinema e da percepção de cada vez mais surgirem filmes com mulheres em destaque, vendo as meninas sentirem vontade de mudar o mundo e meninos verem as mulheres em diferentes espaços. Outro fator foi perceber que em sala de aula, os filmes mais utilizados que protagonizam as mulheres ainda são os contos de

fadas e com abordagem restrita dos efeitos de sentidos da construção do enredo e dos personagens.

Como base teórica a pesquisa, se apropriou dos documentos oficiais que regem a educação, como a LDB e a BNCC para defender o uso de tecnologias como o cinema na sala de aula e autores como Maingueneau (2015) e Foucault (2012) para abordar sobre análise de discurso, Amossy (2005) para explicar sobre o ethos fílmico e feminino e Adichie (2014) para comentar sobre como as mulheres são vistas na sociedade. Desse modo, a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi qualitativa, do tipo documental no qual a técnica adotada foi a análise de conteúdo. Os filmes escolhidos foram: *Mulan* (1998), *Shrek 1* (2001), *Shrek 2* (2004), *Shrek 3* (2007), *Esquadrão suicida* (2016), *Aves de rapina: Arlequina e sua emancipação fantabulosa* (2020). Partindo da análise das personagens *Mulan*, *Fiona* e *Arlequina*, especialmente a construção do ethos, os aspectos de linguagem (fala), comportamentos, personalidade, relações sociais e afetivas e a função social desempenhada e esperada por cada uma, em diferentes tempos históricos.

A relevância da pesquisa consiste em problematizar e refletir noções que norteiam o uso do cinema na educação, bem como traçar outros olhares para a construção da imagem das mulheres. Pensar o cinema como um recurso aliado à construção argumentativa, leitura e escrita dos alunos. Com a pesquisa reforçamos os estudos de alfabetização midiática e representatividade feminina e que esses diálogos podem ser abordados de modo lúdico, interativo e significativo a partir de vários efeitos do enredo e personagens.

Assim, o primeiro capítulo tem como objetivo discorrer sobre o cinema, seu contexto histórico e como este tem avançado e dominado as salas de aulas, ademais são tratados sobre os autores e leis que defendem o seu uso em sala e em seguida a garantia da alfabetização midiática e sua importância. No segundo capítulo é tratado sobre as representações cinematográficas para construção do ethos, o que é o discurso e análise do discurso, como estas representações podem contribuir para construção da ideologia e imaginário, além de o que é o ethos e como os discursos podem contribuir para credibilidade da imagem da mulher. Por fim, terceiro capítulo é referido à análise, onde são apresentadas as personagens *Mulan*, *Fiona* e *Arlequina*, mostrando como suas trajetórias e discursos foram responsáveis por suas evoluções e como podem contribuir pedagogicamente para a educação de meninos e meninas.

1 ARTE CINEMATOGRAFICA NA EDUCACÃO

O presente capítulo tem por finalidade discorrer e refletir sobre o cinema, assim é necessário levar em consideração todas as suas vertentes, como arte, mídia, entretenimento, projeto de construção social, cultural e político. Iniciamos com breve contexto histórico da criação do cinema, seu surgimento no Brasil, como esse avanço tecnológico tem tomado cada vez mais espaço e dominado até mesmo as salas de aulas e diante disto, a alfabetização midiática tanto para formação dos alunos quanto dos professores, além de o que documentos da educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) retratam sobre o uso desta tecnologia no ambiente escolar. Vale ressaltar que o contexto histórico do cinema tem várias versões e perspectivas, dependendo do contexto social de quem está o retratando.

1.1 CINEMA E A SOCIEDADE AUDIOVISUAL

Os filmes estão presentes nas vidas das pessoas desde muito cedo, esses que muitas das vezes são vistos apenas como uma forma de diversão e entretenimento, também são capazes de trazer boas lembranças, oferecer experiências sociais, culturais e formar opiniões sobre diversos assuntos, pensando nisso, muitos pesquisadores têm procurado entender sobre este objeto.

Ao refletirmos sobre o cinema e seu avanço ao longo dos anos é possível notar o anseio do ser humano por movimentos em telas desde a antiguidade. Carvalho (2014) confirma a ideia ao apontar que “notamos o desejo de criação de movimento muito antes da criação da palavra cinema. Por exemplo, em cavernas são encontradas pinturas de animais com muito mais pernas do que possuem na realidade, sugerindo movimento”. (p.20). Seguindo este pensamento é de entendimento que foi o desejo pelo movimento que impulsionou a criação de diversas invenções que deram um pontapé para o surgimento do cinema, visto isto, trataremos destas invenções para melhor compreensão do cinema e sua evolução.

No século XVII, já era possível ver alguns avanços tecnológicos as pessoas tinham acesso a informações e o interesse por inovações científicas surgiam cada vez mais, foi nesse período que Athanasius Kircher apresentou sua criação lanterna mágica. Esta tratava-se de uma

câmera que, através de uma luz e espelho, projetava pinturas pintadas a mão em vidros e enquanto as imagens eram passadas uma pessoa ficava encarregada de contar a história. A figura 1 retrata a lanterna mágica.

Figura 1: Lanterna Mágica



Fonte: Animação (2012).

Já em 1877, um francês chamado Émile Reynaud criou o praxinoscópio, um aparelho circular de espelhos e lentes no qual passavam imagens e davam sensação de movimento. O objeto inicialmente foi projetado para exibir em ambientes domésticos, mas após um tempo Reynaud conseguiu aumentar o tamanho do aparelho e assim exibir as imagens para um maior público, o que deu origem a tecnologia do cinema. A figura 2 retrata o praxinoscópio.

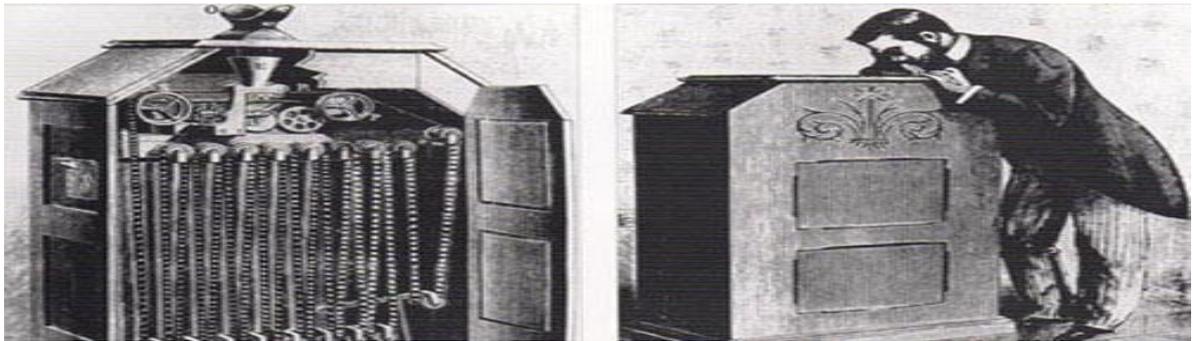
Figura 2: Praxinoscópio



Fonte: Animação (2012).

Mais à frente, em 1894, nos Estados Unidos, uma fábrica comandada por Thomas Edison mostrou ao mundo o cinetoscópio, uma máquina de uso individual que exibia filmes de curta duração, esta fazia uso de uma película de celulóide para guardar imagens e projetá-las na lente. A figura 3 mostra o cinetoscópio.

Figura 3: Cinetoscópio



Fonte: Animação (2012).

Foi então, que a partir da criação de Thomas Edison, os irmãos Auguste e Louis Lumière criaram o cinematógrafo, um aparelho a manivela capaz de gravar, registrar fotos, revelar filmes e passar para telas, e através de seu uso começaram a realizar seus primeiros filmes. Assim, no dia 25 de dezembro de 1895, em Paris, aconteceu a primeira exibição do filme intitulado "*Sortie de L'usine Lumière à Lyon*" (Empregados deixando a Fábrica Lumière), um curta-metragem criado por Louis Lumière.

O filme continha apenas 45 segundos de duração, imagens preto e branco e não havia fala para os personagens, ainda assim "A novidade era tanta, que causou grande assombro na sociedade. Mesmo apresentando filmes curtos, o sucesso foi garantido" (LUCENA, 2011, apud CARVALHO, p. 23). A criação de Louis revolucionou o seu tempo, muitos outros produtores começaram a criar filmes, o que fez com que o cinema popularizasse e entrasse para indústria cultural, e assim começaram a surgir as primeiras salas de cinema. A figura 4 retrata o cinematógrafo.

Figura 4: Cinematógrafo.



Fonte: Toda Matéria

A partir desta popularização, em 1896 a tecnologia do cinema chegou ao Brasil em cidades como Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. A novidade trouxe curiosidade aos indivíduos brasileiros que logo começaram a se arriscar e filmar cenas do seu próprio cotidiano, dando início à criação dos filmes nacionais. Os filmes buscavam trazer diversão para os espectadores com teor de comédia e dramas "o cinema na época do seu surgimento, aos olhos dos primeiros espectadores, não passava de uma espécie de meio de diversão, uma curiosidade trazida pelo desenvolvimento da técnica [...]". (RAMOS apud RODRIGUES, 2003, p. 2).

Como um meio de diversão, o cinema se tornou atração em várias regiões do País, concorrendo público com espaços como o teatro e a ópera, que naquele tempo eram consideradas as principais formas do público brasileiro se divertir e ter acesso a arte, o objeto não possuía um espaço físico específico e acontecia em locais simples, ou até mesmo na rua. Apenas no início da década de 1897 que este ganhou salas de exibições e além disto, passou a ser visto de forma mais admirável, ganhando espaço nas mídias com propagandas e comentários da imprensa, o que acabou incentivando o público brasileiro ao reconhecimento do que a tecnologia do cinema representava.

Após a primeira guerra mundial, os filmes nacionais passaram a concorrer com obras estrangeiras, principalmente vindas de Hollywood, pois depois da guerra os Estados Unidos passaram por um forte crescimento econômico e isto impulsionou para que o governo e os cinemas brasileiros dessem prioridades as produções deste território, deixando o cinema nacional de lado. Sobre este assunto, Rodrigues (2003) relata que:

Depois de sua ascensão econômica [...] o cinema feito pelos norte-americanos atraía o público não somente pela trama em si, mas pelos artistas, as "estrelas de cinema". Sendo assim, o uso de uma nova linguagem cinematográfica, a fábrica de filmes, os

artistas, os movimentos da câmera passaram a fazer parte de uma nova mentalidade adotada pelos norte-americanos. (p. 3)

As produções norte - americanas impediam que novas produções de obras nacionais acontecessem e retiravam destas o apoio governamental, que naquele momento facilitava a entrada de filmes estrangeiros reduzindo as taxas em filmes importados, o que culminou em uma forte onda de desempregos a cineastas e técnicos que acabavam procurando emprego em teatros de revistas, rádios, cabarés e alguns, sem alternativas, seguiram para áreas de cinejornais e documentários, onde não existia tanta concorrência.

Foi somente em 1930 que o cinema brasileiro começou a se reerguer com a aparição das primeiras empresas cinematográficas, que se dedicavam a produzir filmes do gênero chanchadas. As chanchadas exploravam a cultura popular nacional e misturavam tom humorístico, musical e enredos dramáticos, tornando-se um dos gêneros do cinema brasileiro de mais sucesso. Nesta fase houve a criação do cinema falado, que consistia em uma forma de donos de cinemas lucrarem mais dinheiro e chamar atenção de uma maior parcela de público ao contratarem pessoas para cantarem durante as exibições dos filmes. Entretanto, o grande desenvolvimento do cinema brasileiro ocorreu de fato entre 1950 - 1960 com o surgimento da corrente “novo cinema”.

Esta que tinha como bordão "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça", fez com que o gênero chanchada fosse esquecido ao apresentar filmes em que tecia críticas a realidade do brasileiro, mostrando os problemas sociais e a miséria em que viviam, e além disto, retratavam a valorização as ideias e criações locais.

O Cinema novo nos anos 60 procura dar ao conteúdo uma forma popular, utilizando criticamente os dados da cultura popular brasileira na medida em que estabelece um claro diálogo com a cultura erudita (às vezes literária, às vezes musical, às vezes plástica) e com o cinema de vanguarda mundial. O resultado são filmes marcantes do ponto de vista da história cinematográfica brasileira [...]. (JORGE, Marina, 2006, p. 177).

O cinema novo ansiava se aproximar do público e confortá-los em relação às produções cinematográficas brasileiras, assim possibilitou com que diversos projetos fossem realizados e filmes produzidos. Sobre isto, Ballerini (2012) escreve que:

A herança dessa época é uma das mais valiosas para o brasileiro. Filmes como Cinco vezes favela (1962) [...] Os Fuzis (1964), de Ruy Guerra, representa bem o começo do cinema novo, caracterizado como um projeto político, que previa uma cultura audiovisual crítica e conscientizadora. (p.12)

Todavia, no período da ditadura militar o cinema novo começou a passar por censura do governo, fazendo com que este sofresse uma queda e abrisse espaço para o surgimento de novas correntes, como no caso do cinema marginal, em 1963. Com filmes de temáticas sexuais,

violentos e simples, o cinema marginal trouxe as produções denominadas pornosanchadas, que misturavam teor erótico e comédia, “As pornosanchadas, embora criticadas pelos seus conteúdos, tido como apelativos, atraíam público” (BALLERINI, 2012, p. 32). Os filmes também sofreram censura, mas conseguiram se manter como atração brasileira de maior sucesso por um longo período.

Mais adiante, entre 1970-1973, a empresa brasileira de filmes “Embrafilmes” foi importante para que o cinema nacional pudesse fazer novas conquistas, trabalhando na promoção do cinema nacional no exterior, financiando e distribuindo filmes. Sua gestão fez com que o público nacional aumentasse em grandes números e o levou a grandes festivais internacionais, como, por exemplo, o de Cannes e Berlim.

Contudo, apesar de seu sucesso e apresentação de diversos novos filmes brasileiros produzidos pela empresa, o cinema nacional perdeu muito de sua característica ganhada no cinema novo além disso, o aumento do valor dos ingressos, os gastos financeiros para manter os locais e produções fizeram do cinema algo elitizado e logo a embrafilmes fechou as portas.

A partir daí o cinema brasileiro passou por um longo declínio, perdendo novamente o apoio governamental e todo público que tanto havia lutado para conseguir. Sobre este momento Ballerini (2012) diz que “O Cinema passa a viver, então, os piores anos desde sua criação. [...] houve uma abertura irrestrita às importações, fazendo com que o público do cinema nacional passasse de quase 35% em 1983 para 10% e quase 0% em 1990”. (p.35).

Com o cinema em crise, muitos cineastas tiveram que trabalhar em filmes americanos e assim deixar o Brasil. No entanto, o cinema brasileiro pareceu tomar um novo fôlego com o fim da ditadura militar, durante o Governo de Fernando Collor de Mello, que sancionou a lei Rouanet, criada por Sérgio Rouanet. A lei Rouanet possibilita que pessoas físicas e jurídicas destinem parte dos recursos do pagamento do imposto de renda para a área artística. Em conjunto com ela, surgiu também a lei de audiovisual, essa com foco apenas em atividades audiovisuais:

Pessoas jurídicas e físicas podem adquirir Certificados de Investimentos Audiovisuais representativos dos direitos de comercialização de obra cinematográfica brasileira de produção independente ou de projetos de exibição, distribuição e infraestrutura técnica, específicos da área audiovisual cinematográfica, e abater os recursos despendidos na compra destes certificados, no imposto sobre a renda, até o limite de 3% do imposto devido, além de abater estes valores como despesa operacional, no caso de pessoa jurídica. (ZUVERUCHA, 1996, p. 5).

A lei audiovisual foi uma proposta lucrativa para investidores que tinham os impostos diminuídos, 100% do valor investido retornado a seus bolsos e ainda arrecadavam partes do lucro quando os filmes eram um sucesso. As duas leis foram indispensáveis para a retomada do

cinema nacional que ainda teve que passar pelas inconsistências das leis, busca por patrocínio, profissionais inexperientes que conseguiram o incentivo para produções que nunca saiam do papel, entre tantas outras situações que causaram impacto no cinema nacional.

Todavia, mesmo diante das dificuldades, este conseguiu se manter de pé e atualmente é possível ver cada vez mais novas produções de filmes brasileiros surgindo e tomando espaços tanto no ambiente familiar, nos cinemas locais e internacionais e, claro, nos ambientes escolares.

Relacionado aos ambientes escolares, o cinema e sua tecnologia são formas de Educador e Educando ter contato com as artes cinematográficas, entendendo e utilizando conscientemente seus discursos e imagens, pois estes são capazes de influenciar em suas visões de mundo e decisões, como veremos nos capítulos a seguir.

1.2 O CINEMA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: CAMINHOS PARA A ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA

Ao refletir sobre o avanço tecnológico ao longo dos anos é perceptível que as mídias estão presentes cada vez mais cedo na vida das crianças e jovens. Segundo o TIC ONLINE BRASIL (2022) cerca de 85% do público que utiliza a internet e tem acesso a mídias regularmente são crianças e jovens. Essas mídias que vem tendo um papel tão influente quanto a escola, com isso em mente, muitos pesquisadores e educadores vêm se questionando sobre a função destas pedagogicamente.

Utilizando-se do senso comum é normal associar a educação apenas a conteúdos institucionais, aquele em que os alunos passam horas sentados em frente ao quadro e escrevendo sem parar, porém, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional garante que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [...] § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (LEI 9.394/96, p. 1).

Ao garantir que a educação não acontece somente na escola, a LDB aponta que a educação está presente em diferentes ambientes e de diferentes formas, ou seja, quando uma criança adentra uma instituição ela traz consigo uma bagagem que foi construída com a convivência na família, outros indivíduos e ambientes sendo assim, é papel da escola dar a

devida importância a esses saberes, se modificando e adaptando quando necessário, como no caso do avanço tecnológico e uso das mídias.

Freire (1988) aborda que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. (Apud Furim, Castorino, Seluchinsk, 2019, p. 245). Ou seja, os saberes institucionais necessitam do apoio da realidade para que se possa sustentar o conhecimento, portanto, é indispensável pensar nos atos educacionais escolares e assim procurar trazer propostas para além do antigo e por dentro da realidade do aluno. Carneiro (2005) chama atenção para a escola e os saberes por meio de mensagens audiovisuais:

Currículos escolares tentam ignorar que fora da sala de aula as crianças muito aprendem sobre o mundo e que a informação que a mídia lhes leva é acessível. A escola é solicitada a estimular competências não para simplesmente ler, interpretar, mas para compreender meios e mensagens audiovisuais que os jovens consomem e com os quais se envolvem afetivamente. (p. 103).

O ambiente escolar muitas das vezes tenta ignorar o uso de tecnologia e mídias como o cinema, pois não possuem preparo, estruturas físicas para exibição de um filme ou até mesmo não acreditam que este tenha poder de ensino para seus alunos. Porém, estas ideias se tornam equivocadas à medida que o cinema toma cada vez mais espaço na vida dos indivíduos e diferentes autores defendem seu uso na sala de aula. Duarte diz que “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. (2002, p.17, apud HOLLEBEN, p. 16). Os filmes, assim como os livros, produzem conhecimento e organizam ideias sobre o mundo e sobre as coisas que nele existem, dando sentido ou resignificando.

O cinema é uma forma de aprender pelo prazer, as diferentes produções, com diferentes cores, histórias e personagens, alguns até mesmo com superpoderes chamam atenção e contribui para que as crianças possam aprender de forma lúdica. De acordo com Carmo (2003) “como prática pedagógica pode fazer o aluno a se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas e seminários” (p. 71). Diante disto, nota-se que o cinema pode trazer resultados benéficos e indispensáveis, por isso a escola deve buscar adaptar-se a esta tecnologia.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), documento que busca orientar e ajudar o professor a cumprir a sua tarefa, descreve o cinema como uma modalidade em artes visuais no ensino fundamental que surgiu a partir dos avanços tecnológicos.

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade

(fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance).
(BRASIL, 2008, p. 45).

Além disso, os PCNS enfatizam a necessidade de se trabalhar levando em consideração as experiências dos alunos e as coisas da qual têm contato ao dizer que “é preciso considerar as técnicas, procedimentos, informações históricas, produtores, relações culturais e sociais envolvidas na experiência que darão suporte às suas representações (conceitos ou teorias) sobre arte” (BRASIL, 2008, p. 45).

Ainda de acordo com a LDB existe uma lei que defende o cinema Brasileiro nas escolas públicas, na busca de fortalecer a cultura e educação dos cidadãos, a lei nº 13.006/14. Esta foi um acréscimo ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, aponta que “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais”. (BRASIL, lei nº13.006, 2014, p.2).

A lei foi uma proposta de Cristovam Buarque (2012) que mostrou se preocupar com a escola e seus modos de ensino ao revelar que a escola presa no Ensino tradicional é chata para os alunos e que atualmente as crianças crescem tendo acesso as telas e gostam disto, por esse motivo trazer o cinema é importante para gerar felicidade e sintonia para as crianças, além disso, a lei possibilita com que todos os alunos tenham acesso a filmes e a cultura, abre espaço para que as crianças e adolescentes saibam valorizar as ações locais existentes, desprendendo da influência vinda de Países estrangeiros, para além, pode ser uma mudança nas estruturas físicas das escolas, pois exige que elas se preparem para as exibições dos filmes com áudio e imagens excelentes, e conforto físico.

Outro documento que vem dar apoio para o uso das tecnologias em sala de aula no Ensino Fundamental é a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018), esta descreve que o processo de conhecimento é feito de aprendizagens anteriores que vão se ampliando através do contato do aluno com outros indivíduos, culturas, histórias, ambientes e com as tecnologias, nesse sentido, integra o cinema na categoria de artes visuais. No Ensino Fundamental, o ensino através das artes visuais e tecnologias devem contribuir na ampliação de conhecimentos fora da escola e possibilitam o desenvolvimento de habilidades e competências retratadas na BNCC. O documento escreve sobre as competências e habilidades das tecnologias e artes visuais em duas disciplinas: Língua portuguesa e Artes. As imagens abaixo procuram mostrar as competências e habilidades das tecnologias na língua portuguesa.

Figura 5: Competência Geral do Ensino Fundamental na língua portuguesa.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Fonte: BNCC, Brasil (2018).

Figura 6 e 7: Habilidades do 5º ano do Ensino Fundamental.

(EF05LP20) Analisar a validade e força de argumentos em argumentações sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, *games* etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos.

(EF05LP18) Roteirizar, produzir e editar vídeo para *vlogs* argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, *games* etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto/finalidade do texto.

Fonte: BNCC, Brasil (2018).

A língua portuguesa ao utilizar da tecnologia na alfabetização preocupa-se em construir uma boa fonte de conhecimentos linguísticos para que possa desenvolver no aluno o sistema de escrita e oralidade. Já na disciplina de artes, se referido ao uso de tecnologias e do cinema em si na parte de artes visuais e descreve que algumas de suas competências e habilidades são:

Figura 8: Competência Geral da disciplina de Artes do Ensino Fundamental.

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

Fonte:BNCC, BRASIL (2018).

Figura 9: Habilidades na disciplina de artes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

- (EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- (EF15AR02)** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
- (EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- (EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- (EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.
- (EF15AR06)** Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Fonte: BNCC, Brasil (2018).

Diante disto, no ensino de artes a BNCC insere o cinema como uma possibilidade para trabalhar com a realidade do aluno e valorizar suas vivências e cultura, tornando as aulas interessantes e atrativas aos seus gostos e transformando os educandos em seres reflexivos,

críticos, capazes de dialogar sobre as situações apresentadas em diferentes filmes.

Ao propor um filme sobre uma temática que deseja abordar, o professor consegue fazer com que seus alunos se interessem pelo que é apresentado em tela e depois disto discutam sobre o que assistiram, opinando, pensando nas situações que os personagens passaram, formando e mudando de ideias, assim aprendem de forma prazerosa e desenvolvem capacidades e habilidades importantes para que possam viver ativamente na sociedade. Mas para que isso aconteça é necessário que professor e aluno realizem a alfabetização midiática, pois segundo Freire (1981) apesar das tecnologias fazerem parte da desenvoltura humana, se deve ter cuidado com as mensagens que elas produzem e como elas estão sendo interpretadas.

O estudo da UNESCO “Alfabetização midiática e informacional: Diretrizes para a formulação de políticas e estratégia” (2016) aponta que a educação para uso de mídias é um direito básico de todo cidadão, trazendo benefícios, tornando-os seres ativos na sociedade e consequentemente garantindo a democracia.

A alfabetização midiática entende que com o avanço tecnológico é fundamental que o indivíduo ingresse nesse mundo abrangente de informações e saiba encontrar, analisar e opinar sobre conteúdos criticamente, e ainda, ser capaz de produzir, compartilhar e tomar decisões com base nestes. Segundo a Unesco (2016, p.14) a alfabetização midiática permite aos cidadãos:

- Compreender o papel e as funções das mídias e de outros provedores de informação nas sociedades democráticas;
- Compreender as condições nas quais essas funções possam ser realizadas;
- Reconhecer e articular a necessidade informacional;
- Localizar e acessar informações relevantes;
- Avaliar com senso crítico, em termos de autoridade, credibilidade e finalidade atual, a informação e o conteúdo das mídias e de outros provedores de informação, incluindo aqueles na internet;
- Extrair e organizar a informação e o conteúdo midiático;
- Sintetizar ou trabalhar com as ideias abstraídas do conteúdo;
- Comunicar para um grupo de pessoas ou leitores, com ética e responsabilidade, sua compreensão sobre o conhecimento criado, em uma forma ou meio de comunicação apropriado;
- Aplicar as habilidades em TIC para processar a informação e produzir conteúdo gerado por usuários; e
- Engajar-se nas mídias e em outros provedores de informação, incluindo aqueles na internet, para autoexpressão, liberdade de expressão, diálogo intercultural e participação democrática.

Propor a alfabetização midiática com coerência e fazer uso destas com inclusão, resulta em uma “mudança inteligente” (UNESCO, 2016, p.16) que hoje se faz necessária para o processo de ensino e aprendizado dos educandos. Nesse contexto, os recursos tecnológicos, como a mídia audiovisual (Cinema), podem inovar o ambiente escolar, inserindo na sala de aula

algo da realidade dos alunos, da qual gostam de fazer e que proporciona uma nova percepção de mundo e das coisas que o cercam, com análises, debates e reflexões sobre diversas temáticas.

É importante que ao se tornar uma prática educacional os alunos e Educadores compreendam que o cinema se torna relevante a assuntos de diversas naturezas, porém, para que isto aconteça é indispensável que o professor no ato de sua prática pedagógica utilize do cinema para incentivar, gerar e tirar dúvidas, proponha discussões, debates, e espaços para compartilhar opiniões, pontos de vistas e crenças. Segundo o Estudo da Unesco (2013) Alfabetização midiática e informacional: Currículo para a formação de professores, para os Educadores os principais benefícios da Alfabetização midiática e informacional (AMI) são:

1. No processo de ensino e aprendizagem, equipa os professores com um conhecimento aprimorado que contribuirá com o empoderamento dos futuros cidadãos;
2. A alfabetização midiática e informacional transmite conhecimentos cruciais sobre as funções das mídias e dos canais de informação nas sociedades democráticas. Além disso, fornece uma compreensão razoável sobre as condições necessárias para cumprir essas funções efetivamente e as habilidades requeridas para avaliar o desempenho das mídias e dos provedores de informação à luz das funções esperadas;
3. Uma sociedade alfabetizada em mídia e informação promove o desenvolvimento de mídias livres, independentes e pluralistas, e de sistemas abertos de informação.

Sendo assim, ao ser alfabetizado nas mídias os professores têm seu trabalho facilitado, sabendo os conteúdos que melhores se encaixam aquilo que está buscando ensinar, além de não se frustrar ao tentar trazer novas propostas as aulas, assim tendo êxitos de resultados. Porém, para que isto aconteça o estudo revela que o currículo para as mídias do professor deve seguir requisitos, sendo eles:

1. A alfabetização midiática e informacional deve ser considerada como um todo e deve incluir uma combinação de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes);
2. O currículo da AMI deve permitir que os professores ensinem a alfabetização midiática e informacional aos alunos com o objetivo de prover-lhes as ferramentas essenciais para que eles possam engajar-se junto às mídias e aos canais de informação como jovens cidadãos autônomos e racionais;
3. Os cidadãos devem ter conhecimentos sobre a localização e o consumo de informações, bem como sobre a produção de informações;
4. As mulheres, os homens e os grupos marginalizados, como as pessoas com deficiências, os povos indígenas ou as minorias étnicas, devem ter acesso igualitário à informação e ao conhecimento;
5. A AMI deve ser vista como uma ferramenta essencial para facilitar o diálogo intercultural, a compreensão mútua e a compreensão cultural entre os povos. (UNESCO, 2013, p. 6).

Ou seja, não basta introduzir as mídias na sala de aula de qualquer maneira, é necessário pensar no público que irá trabalhar, levando em consideração suas especificidades e o alcance que se deseja com estas mídias. Duarte (2002) aponta que o cinema, uma mídia audiovisual, “é um instrumento preciso para ensinar respeito aos valores, crenças, e visões do mundo que

orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”. (p. 90 apud SILVA, 2019, p. 19)

Portanto, é possível afirmar que o cinema é possui uma gama variedade de alcances, podendo às vezes confundir os indivíduos sobre suas funcionalidades por estar presente na indústria e construir benefícios financeiros, porém é inegável que na relação cinema e ensino contribui para que o ensino e aprendizado tanto do professor quanto do aluno seja algo produtivo e prazeroso, fugindo do comodismo que na maioria das vezes as escolas apresentam e tornando o processo educacional interessante e significativo.

No ambiente escolar é importante que os conteúdos conversem com temas atuais, por isso ao trabalhar com o cinema é necessário escolher os gêneros de filme que irão atender as demandas daquilo que se busca alcançar, como no caso da construção do ethos, imagem da mulher, que iremos abordar no capítulo a seguir.

2 REPRESENTAÇÕES NO CINEMA: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS FEMININO

O capítulo a seguir tem a intenção de dar continuidade aos objetivos desta pesquisa, portanto, será abordado sobre as representações femininas no cinema, o que são as representações, como as mulheres são apresentadas neste meio, e também, sobre o que são os discursos e análise dos discursos, considerando que o cinema é formado por uma rede de argumentos que podem contribuir para o imaginário e a construção da figura do ethos feminina.

Desde a antiguidade as mulheres são vistas e tratadas como inferiores aos homens, enquanto nos livros de história os homens são descritos como fortes, musculosos, que lutam, manipulam espadas e trabalham duro para trazer alimento para casa, as mulheres são descritas como meninas criadas desde pequenas para aprender a costurar, cozinhar, manter a casa limpa, se dedicar totalmente aos filhos e ao marido.

Apenas com o passar dos anos e o crescimento de movimentos, como o movimento feminista, isto foi se modificando e hoje é possível ver as mulheres sendo educadas para estarem em diversos espaços. Carvalho (2014, p.36) aponta que a história das mulheres começou a mudar a partir da industrialização ao retratar que:

A crescente industrialização, juntamente com a Primeira Guerra Mundial, foi um marco na vida social das mulheres. Elas passaram a trabalhar nas indústrias a partir do momento em que os homens estavam servindo a pátria. O mesmo aconteceu na Segunda Guerra, momento em que elas se consolidaram no mercado de trabalho.

O desejo por modificar sua vida e ser mais do que submissa ao homem fez com que as mulheres lutassem por espaços no meio social, no campo de trabalho, e a partir daí esta começou a ser vista para além da dona de casa, o que chamou atenção de diversos pesquisadores e estudiosos, que passaram a estudar sobre a mulher fora da bolha em que ela foi posta desde seu nascimento.

Neste contexto, o cinema entra como um fator muito importante para a construção da imagem da mulher, já que atualmente domina diferentes espaços e faz com que os indivíduos se tornem apaixonados e dependentes da sétima arte, assim possibilitando com que seus roteiros, histórias e personagens influenciam na visão de diferentes padrões da sociedade, portanto, é imprescindível que estudemos sobre como as mulheres vêm sendo representadas neste meio.

Ao entrar para o campo cinematográfico, uma área dominada pelo modelo patriarcal, as mulheres eram reduzidas a serviços domésticos e quando conseguiam aparecer nas telas seus

papéis não tinham ações relevantes. Primeiramente as mulheres foram conduzidas às telas com o desejo de agradar e atrair olhares, como por exemplo nas pornochanchadas, em seguida como submissas e dependentes do protagonista homem, aqui podemos usar como exemplo os filmes de heróis, onde geralmente as mulheres aparecem como as mocinhas companheiras ou melhores amigas dos protagonistas homens e passam por situações de perigo, dependendo deles para se manterem vivas ou até mesmo abrindo mão dos seus anseios para ajudar o protagonista em alguma situação. Sobre isto, Cardoso e Freita Junior (2009, p.11 apud MICHELIN, GALON, 2022, p. 71) comentam que:

A mulher é vista nos filmes da década de 50 da mesma maneira que nas décadas anteriores, ou seja, uma mulher que renuncia aos seus próprios desejos em favor do desejo masculino. E os filmes a caracterizam como um objeto de desejo domesticável. Sempre precisando de um homem que a deixe “segura” contra suas próprias fraquezas mínimas e que, além do mais, seja vulnerável economicamente. Ela ainda é representada nos filmes como um ser que não pode ser dono de seu prazer e de sua vida, é totalmente dependente do homem para satisfazer-se, sendo inserida nos filmes como fetiche, algo belo e inacessível, causando assim um imenso prazer visual ao homem, que se coloca como um voyeur diante de tais imagens.

Se o cinema é dominado pelos homens nas câmeras, roteiros, personagens e até nas cores, então o que veremos nas telas será um reflexo disso, já que o cinema é feito das situações e momento a qual está inserido, conseqüentemente seus personagens são construídos com base nos desejos da sociedade, e diante disto pode servir para desconstruir ou criar estereótipos sobre as mulheres e os homens. Como apontado por Alves e Coelho (2015, p. 162 - 163):

O cinema clássico narrativo (o cinema de Hollywood – hegemônico em todo mundo) constrói suas personagens baseadas em rótulos e estereótipos, ou seja, em características padronizadas esperadas de cada grupo social [...] reproduziu representações do patriarcado, das relações familiares, da sexualidade, criou o star system e o sexy symbol e projetou a “objetificação” da mulher. O star system, por sua vez, determinou os padrões de beleza seguidos até hoje pela TV, publicidade e mídia em geral. O cinema padronizou personagens como o “herói”, o “bandido” e a “mocinha”, e criou rótulos para pessoas e comportamentos, de acordo com os costumes de cada época em que foi produzido.

A figura da mulher apresentada como um símbolo de beleza e sensualidade a coloca no lugar de uma atração para o público e constrói a imagem da mulher como um objeto sexual em que somente seu corpo deve ser levado em consideração, colocando os homens no centro da história, aqueles que estão ali para fazer a diferença, já que “os padrões visuais cristalizados pela narrativa clássica dificultam a emergência de outras representações de gênero, bem como a pluralidade de experiências, de olhares e de identidades”. (ALVES e COELHO, 2015, p. 161).

Ann Kaplan (1995) cita que a única forma de interferir nessas ideias seria as mulheres deixarem o cinema clássico com modelo patriarcal e se dedicarem a um cinema alternativo¹, longe da linguagem hollywoodiana, porém, o cinema alternativo não é tão aceito pelo público, visto que este é acostumado com a linguagem do cinema clássico.

Apesar disto, o cinema alternativo possibilitou com que as mulheres dominassem diferentes espaços de produções e criassem filmes que viriam a ser estudados e considerados relevantes para educação e trajetória feminina futuramente. Entretanto, por uma de suas características ser a busca por mudanças rápidas e que tragam impacto imediato ao espectador, suas produções começaram a ser consideradas problemáticas e assim teve uma “queda” comercial.

Ademais, atualmente com o aumento de diferentes movimentos sociais, e principalmente com o movimento feminista, que tem trazido as mulheres para o centro de pesquisas de diversos estudiosos e afirmado que as mulheres podem e devem estar em espaços diferentes, o cinema clássico tem tomado outras vias.

Com mudanças que começaram sutis e que tem resultados gradativamente, trouxe produções com mulheres com participações no roteiro, processo de filmagem, fotos e como protagonistas dos filmes e donas da sua própria trajetória, possibilitando sua independência do homem, como revelam Alves e Coelho (2015):

[..] Quanto maior o número de filmes com protagonistas mulheres, maior a representação das mulheres pelo cinema, visto que o protagonista é aquele personagem que normalmente tem um objetivo, uma meta, é o líder de um grupo no alcance desta meta, é através do qual o filme é contado, ou seja, o filme privilegia o seu ponto de vista. (p.171).

Este espaço de protagonismo possibilita que as mulheres possam se encontrar no centro da história e assim desconstruir a ideia enraizada do feminino como frágil e que só pode reproduzir papéis domésticos, através do enredo da história, vestes e seus discursos, abre margem para que seja construída a figura de ethos, o que aprofundaremos nos tópicos seguintes.

¹ O cinema alternativo rejeita estereótipos, narrativas e regras do cinema hollywoodiano. Ou seja, ao rejeitar as ideias e condutas da sociedade em seu modelo machista, está se criando um filme alternativo.

2.1 DISCURSOS - REPRESENTAÇÕES DO DISCURSO

Abordaremos sobre a análise de discurso (AD) e a noção do discurso sobre a visão do filósofo Michel Foucault (2012) e Dominique Maingueneau (2015), pois estas são essenciais para que entendamos sobre este campo. Foucault (2012) deu início a análise do discurso (AD) ao criar sua obra *Arqueologia do saber*, onde apresenta o discurso como “acontecimento que deve ser estudado dentro de uma perspectiva da descontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série, de transformação” (FOUCAULT, 2012, p. 25 apud MORAIS, 2017, p. 186), assim, o autor mostrava-se preocupado em como o discurso era visto e como isto poderia afetar nas áreas de conhecimento.

Segundo Foucault (2012) o discurso é uma reflexão da realidade diante nossos olhares, em outros termos, é a forma que o sujeito comunicante vê a sua realidade e reflete sobre ela de modo verbal ou não, assim, para conhecer o sujeito, torna-se necessário analisar o seu discurso. Nesse sentido, a AD adentra um determinado discurso trazendo todas suas informações históricas para que possamos julgar sua formação e função.

O escritor também chama atenção para outro elemento do discurso, o enunciado, a qual ele descreve como “uma ação que surge a partir, ou que tem condições de existência através de outros sistemas de enunciados”. (MORAIS, 2017, apud FOUCAULT, p. 187). Conforme o mesmo, ao verbalizar diferentes enunciados, o sujeito está indo muito além de um pronunciado de palavras ou frases, em sua visão os enunciados têm sentidos diferentes que são construídos através dos discursos do sujeito. Isso significa dizer que os enunciados estão ligados a língua, não como um sistema, mas como um acontecimento cheio de regras.

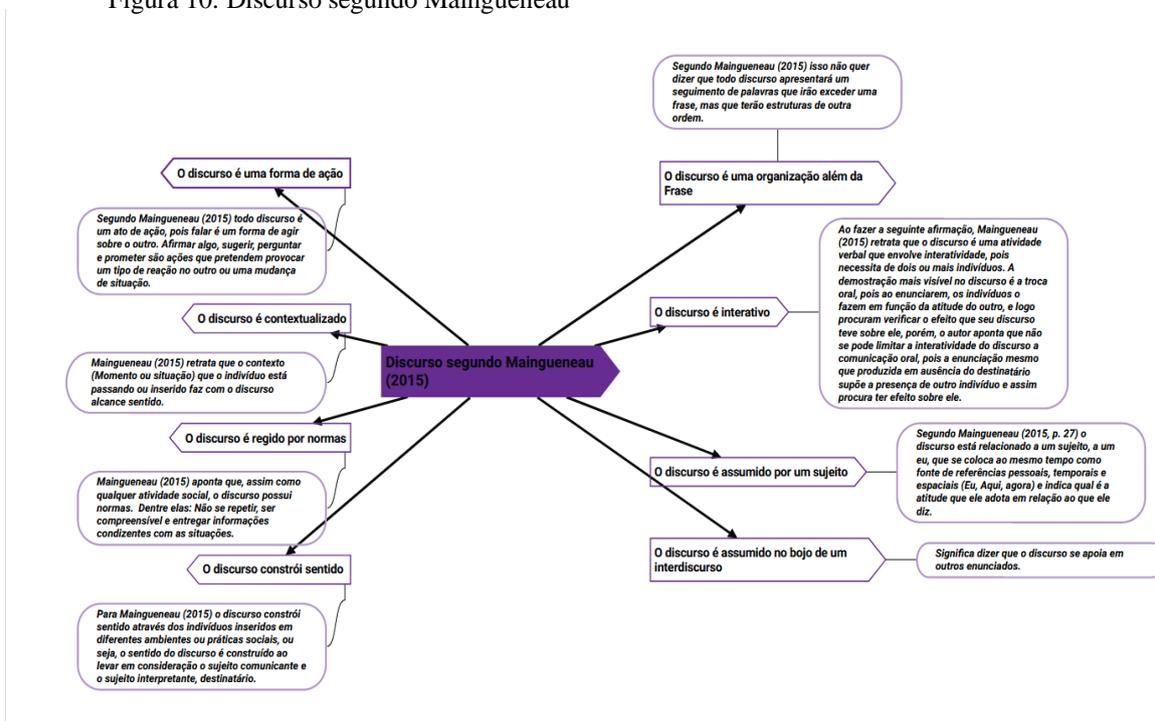
Seguindo este pensamento, Ferreira e Santos (2021, p. 3 apud Fernandes, 2008, p. 41) afirmam: “Os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação, cujas unidades obedecem a regularidades, cujos sentidos são incompletamente alcançados”.

Desta forma, os enunciados precisam ter material, hora, data, lugar e embasamento, assim trazem um pouco do saber do outro, ou pelo menos a sua vontade pela busca de mais conhecimento. Ademais, complementando a visão Foucault sobre discurso, Maingueneau (2015) aponta que para os linguistas o discurso é visto como “uso da língua” (MAINGUENEAU, 2015, p. 24), diante disso, com a ajuda de outros pesquisadores, acrescenta que o discurso é a comunicação além de uma palavra, da junção delas ou de uma frase, ou seja,

o discurso adentra três outros modos, entre discurso e frase, discurso e texto, e discurso e língua.

O filósofo (2015) descreve que entre discurso e frase, o discurso é apontado como uma unidade linguística que irá se apoiar na interpretação do texto através de enunciados anteriores ou posteriores. Entre discurso e língua, o discurso se opõe à língua como sistema e leva em consideração o contexto a qual está inserido, já entre discurso e texto, o discurso se diferencia do texto, pois o texto é a ação do discurso em forma de linguagem, sendo ela verbal ou não. No mapa conceitual abaixo retratamos um pouco mais de sua visão:

Figura 10: Discurso segundo Maingueneau



Fonte: MAINGUENEAU, Dominique.

Discurso e análise do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, p. 25 - 29, 2015

O discurso é complexo e regido por regras, assim tem um tom autoritário, pois pode influenciar nas visões e decisões de indivíduos. Desta forma, nos cinemas, onde pode circular por um tempo e assim construir ideias e diferentes pensamentos nos indivíduos, “dão visibilidade a novos sujeitos e identidades com seus diversos cenários, enredos, personagens, conteúdos e produção de desejos”. (FERREIRA, SANTOS, 2021, p. 4).

2.2 IDEOLOGIA - IMAGINÁRIO – CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS

Mendes, Siqueira (2018, p. 129) apontam que as “Representações sociais constituem visões de mundo e estão diretamente ligadas ao imaginário de uma sociedade”, trazendo para o cinema significa dizer que as formas que os personagens são representados nos filmes, sejam masculinos ou femininos, mostram como é a visão da sociedade sobre os papéis que estes ocupam e dão oportunidade para que possamos modificá-la.

Partindo deste pressuposto, as representações sociais influenciam na realidade e constroem os comportamentos e os olhares dos indivíduos sobre o mundo, desta forma o cinema em sua ficção vem trabalhar com esta realidade e assim por meio das suas luzes, cores, personagens e falas, influenciam no imaginário sociodiscursivo acerca de diferentes assuntos, sendo assim, torna-se indispensável abordarmos sobre ideologia e imaginário. O termo ideologia é polissêmico, ou seja, possui vários significados, porém, nesta seção trataremos na visão da análise do discurso (AD), visto que esta é a que melhor se encaixa em nossa pesquisa.

Para a AD a ideologia é o estado para a criação do indivíduo e dos seus sentidos, portanto, é um conjunto de ideias que o indivíduo cria à medida que busca interpretar e dar sentido aos objetos que têm contato. Assim, a ideologia se relaciona nas construções discursivas, pois o universo da AD compreende que um discurso e suas diferentes interpretações podem gerar vários sentidos, ocorrendo, pois, as falas pronunciadas por um indivíduo são entrelaçadas a sua visão de mundo.

O mesmo acontece com os sujeitos interpretantes deste discurso, ao se pronunciar sobre certo assunto, o sujeito comunicante possui um propósito que deseja alcançar com sua fala, estes, Discurso e propósitos, foram criados a partir da visão de mundo que o sujeito tem.

Já os sujeitos interpretantes ao analisarem este discurso podem fazer com que surjam diversos sentidos sobre ele, visto que levarão em consideração, além do contexto histórico do discurso, suas experiências de vida e aprendizagens adquiridas, sendo elas: Científicas, de crenças, ou da vivência com a sociedade.

Neste contexto, a ideologia é apontada como uma forma de relacionar o sujeito com o mundo, pois esta “é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência [...]” (ORLANDI, 1994, p.56). Com isto, fica visível que o imaginário é indispensável no funcionamento da linguagem, não pensamos, criamos, imaginamos algo ou

produzimos discursos no vazio, assim, para que ele fosse criado passamos por diversas situações que nos levaram a este resultado.

No campo cinematográfico, Gouveia (2009) revela que o imaginário é construído através da identificação do espectador com o olhar da câmera e dos personagens, atraindo uma falsa sensação de plenitude afetiva. Assim, o cinema procura trabalhar o olhar do espectador da perspectiva da câmera e personagens, misturando a realidade com o fictício, dominando o espectador e o tornando em um ser passivo, capaz de se colocar no lugar do personagem por meio dos discursos de persuasão, capazes de transformar e gerar ideias.

Assim, trazendo para os filmes de heroínas com protagonistas femininas, as diversas produções podem significar um avanço por mostrar que as mulheres podem ocupar diferentes lugares, serem fortes e independentes, com seus discursos empoderados, quanto a continuação de um padrão que nos foi imposto e ainda não conseguimos sair, desse modo, ceder esse espaço para a mulher significa dar visibilidade a seus discursos e assim contribuir para um imaginário coletivo sobre como a mulher deve se comportar ou agir, ou seja, a construção de sua imagem, seu ethos, que abordaremos no tópico a seguir.

2.2 ETHOS - CONSTRUÇÃO DA IMAGEM/ CREDIBILIDADE

O cinema por meio da argumentação procura causar um efeito no seu público, porém mesmo que este efeito seja esperado e desejado por seu autor nem sempre resultará da mesma forma para todos, assim para análise de discurso torna-se necessário analisar os impactos causados pelo discurso cinematográfico, visto que estes têm o poder de persuadir na criação da imagem e pensamentos sobre algo ou alguém. Visto isto, essa seção procura abordar sobre o ethos feminino nos filmes, sabendo que este é um reflexo da visão da nossa sociedade.

O estudo do ethos teve seu início com Aristóteles e seu interesse sobre retórica, o filósofo foi o primeiro pesquisador a se dedicar a este campo e por esta razão compreendemos ser de suma importância abordar sobre sua ideia para melhor entendimento sobre a construção da imagem.

Aristóteles descreve a retórica como a arte de se comunicar de forma persuasiva e coerente que tem como objetivo conseguir com que o ouvinte faça algo desejado pelo comunicante, desta forma o autor divide a retórica em três pilares fundamentais: Ethos, pathos

e logos. O ethos refere-se aos atributos do comunicante que podem promover a sua imagem, ou seja, a credibilidade e sinais de expressões que transmite durante a pronúncia do seu discurso, o pathos, ocupa-se da conexão sentimental, assim através de reflexões sobre a realidade do indivíduo busca uma ação do ouvinte, já o logos, está ligado a lógica dos argumentos utilizados, isto é, as comprovações científicas. A imagem abaixo procura exemplificar a explicação:

Figura 11: Ethos, pathos e logos.



Fonte: StoryboardThat²

Para Aristóteles estes são os três pilares capazes de transformar uma argumentação, ethos para ética, pathos para sentimentos e logos para razão, portanto, dadas estas informações passamos agora a focar no objeto de pesquisa desta seção, o ethos. O ethos é um conceito social discursivo ligado a construção de uma imagem de si para o outro, “o orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (BARTHES apud AMOSSY, 2005, p. 10). Portanto, uma vez que uma imagem é criada a partir de um determinado discurso não quer dizer que ela seja real ou não, pode representar atitudes morais do comunicante ou a adequação ao papel social exigido de acordo com o propósito do discurso, ou seja, pode retratar uma imagem honesta de si ou apenas uma ilusão criada para alcançar um objetivo.

² DOCIMO, Katherine, LITTLEHALE, Kristy. O triângulo retórico: Ethos, Pathos, Logos. **Storyboard That**. Disponível em: <https://www.storyboardthat.com/pt/articles/e/ethos-pathos-logos>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

O objeto trabalha com a confiança e admiração, assim a credibilidade de sua imagem não se dar só pelas informações apresentadas no discurso, mas também pela postura do orador³, das suas expressões faciais e confiança, que aumentam seu poder de persuasão. Sobre isto Assunção (2005) comenta que:

Algumas dimensões extra verbais do orador que fazem parte do ethos são: a reputação ou imagem anterior; o estatuto e o prestígio, herdados dos ancestrais ou devido às funções que exerce; as qualidades próprias, a personalidade; o modo de vida, ou seja, o exemplo dado via comportamento. além dos traços de subjetividade, a inscrição do sujeito no discurso é ativada pelo gênero, pois o orador se insere numa cena de enunciação cujo gênero discursivo define papéis previamente. o ethos também se alimenta dos estereótipos da época, uma vez que a imagem do locutor está ligada aos modelos sociais. (p. 69).

Ou seja, mesmo que o comunicante crie uma imagem de si durante seu discurso, isto não invalidará outra imagem que já foi criada dele pelo público através de seus comportamentos, vestimentas, escolhas, entre tantas outras coisas. Pensando sobre isto a autora Amossy (2005) revela que existem dois tipos de ethos: O ethos prévio e o ethos discursivo, o ethos prévio se refere a uma imagem formada a partir de informações conseguidas sobre o comunicante através de algo que o sujeito ouviu em uma conversa ou que viu em algum lugar, já o ethos do discurso, é a imagem formada a partir do momento em que o orador discursa e apresenta seus argumentos.

Relacionado ao cinema o ethos prévio é construído a partir da escolha do filme, através de seu gênero, dos atores que farão parte dele, das músicas, diretores, sinopses e do trailer, pois ao assistir o trailer a pessoa cria expectativas de como seguirá o filme, ficando ansiosa para assisti-lo. Já o ethos discursivo é construído depois de assistir ao filme, de ter acesso as cenas, discursos dos personagens e do ato de se identificar ou não com eles.

O ethos fílmico é feito a partir de um conjunto de acontecimentos, primeiro da construção do enredo e escolha dos personagens através do diretor, que fará isto com base nos seus conhecimentos de vida e com os objetivos que deseja alcançar com suas filmagens, depois com a escolha de músicas, cores, escolha dos figurinos e com a divulgação do filme através de entrevistas, trailers, e sinopses, até finalmente chegar à exibição do filme.

É importante ressaltar também que a escolha dos atores, suas atuações e suas vidas pessoais contribuem para construção da imagem de seus personagens, a forma como o ator se expressa para passar os sentimentos do personagem, seu corpo e também os seus comportamentos em relação a escolhas da vida pessoal podem influenciar na identificação do

³ Pessoa comunicante, quem está discursando.

público com o personagem, pois se o público gosta do ator se torna mais fácil que essa identificação aconteça e assim os objetivos propostos pela obra sejam alcançados.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa conta com a abordagem qualitativa, partindo da idéia que esta possibilita aproximação com o objeto de estudo e permite com que o pesquisador tenha maior sensibilidade ao interpretar detalhes, também é do tipo documental secundária, pois "A pesquisa documental por utilizar materiais como livros, revistas, artigos, trabalhos acadêmicos e filmes, possibilitam uma análise minuciosa do material acerca do tema estudado". (RUFINO, 2020, p. 21).

Assim, a técnica adotada foi a análise de conteúdos na qual Bardin (1977, p. 44) retrata como "uma busca de outras realidades através das mensagens", portanto, a pesquisa buscou analisar as representações dos corpos e vestimentas das personagens, seus comportamentos e falas em situações de visibilidade, como reagem a influência do meio, seus aspectos afetivos e como estas personagens dão autoridade, autonomia e poder a figura feminina, procurando entender a mensagem repassada por elas e como podem contribuir no olhar de meninos e meninas sobre a mulher na sociedade atual, visto que segundo Soares (2014, apud MULLER, 2019, p. 2) "Ao assistir a um filme, intenciona-se que o espectador crie vínculos com o que está sendo reproduzido na grande tela – tanto com a trama quanto com os sujeitos nela representados"

Nesse sentido, foram escolhidos os filmes: Mulan (1998), Shrek 1 (2001), Shrek 2 (2004), Shrek 3 (2007), Esquadrão suicida (2016), Aves de rapina: Arlequina e sua emancipação fantabulosa (2020), por se tratar de filmes que possuem protagonistas femininas com diferentes responsabilidades, habilidades e visões de mundo, mostrando o lado da mulher princesa, mãe, com superpoderes e a que se ver presa aos desejos familiares, além de que as características das personagens são influência na educação de crianças desconstruídas de padrões.

Assim, as personagens analisadas foram: Mulan, do filme de mesmo nome, uma jovem chinesa corajosa, desinibida e considerada além de seu tempo, pois não tem como foco o casamento que arrisca sua vida se fantasiando de homem para substituir seu pai com objetivo de servir o exército e proteger seu rei e povo dos inimigos que se aproximam.

Fiona, do filme Shrek 1 (2001), Shrek 2 (2004), Shrek 3 (2007), uma jovem princesa que tem sua vida modificada ao ser salva por um ogro e se apaixonar por ele, se vendo dividida entre as exigências da sociedade pela aparência e comportamento de uma princesa, e a vida com

seu verdadeiro amor, um ogro que foge de todo estereótipo e realidade que ela foi criada para assumir e aceitar.

Harleen Quinzel, mais conhecida como Arlequina, do filme *o Esquadrão suicida* (2016) e *aves de rapina* (2020), uma jovem psiquiatra que vê sua vida modificada quando fica encarregada de tratar o rei do crime, Coringa, mas acaba se apaixonando por ele, entrando para o mundo do crime e da loucura que seu relacionamento abusivo ocasiona.

Nos longas foram levados em consideração aspectos de linguagem (fala), comportamentos, personalidade, relações sociais e afetivas e a função social desempenhada e esperada por cada uma, em diferentes tempos históricos, visto que Bardin (1977) aponta que um bom organizador de análise deve estabelecer claramente suas intenções e assim encontrar respostas relevantes para pesquisa.

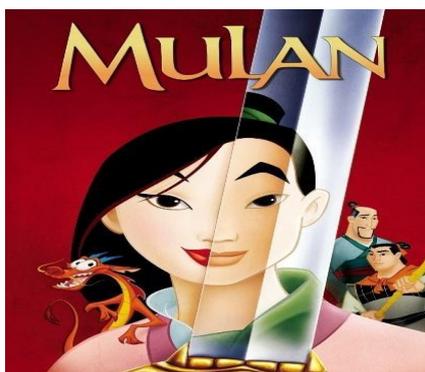
4 MULHERES EM AÇÃO: ANÁLISES DAS PERSONAGENS

Neste capítulo será feito uma análise de conteúdo dos filmes de heroínas femininas na intenção de entender como essas personagens evoluíram ao longo de suas jornadas e como podem contribuir pedagogicamente no olhar das crianças em relação a imagem da mulher. Nesse sentido, foram escolhidos os filmes: Mulan (1998), Shrek 1 (2001), Shrek 2 (2004), Shrek 3 (2007), Esquadrão suicida (2016), Aves de rapina: Arlequina e sua emancipação fantabulosa (2020), por se tratar de filmes que possuem protagonistas femininas com diferentes funções sociais. Vale ressaltar que uma análise é feita com base no olhar de cada pesquisador, por isso compreende-se que cada pesquisador pode interpretar um filme ou personagem à sua maneira.

4.1 MULAN - FILME MULAN (1998)

A seguinte seção fará uma análise da personagem Mulan a partir do seu filme Mulan (1998). Para análise utilizaremos fotogramas e trechos dos filmes transcritos, além de transcrições da fala da personagem em busca de melhor entendimento e contextualização. A figura 12 retrata o poster do filme Mulan (1998).

Figura 12: Poster do filme Mulan.



Fonte: Adoro cinema.⁴

⁴Mulan. Adoro cinema, 1998. Disponível: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-18793/fotos/detalhe/?cmediafile=1000000953>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

Huan Mulan é uma personagem de animação com características culturais do seu País, a China, possui longos cabelos pretos, é magra, desastrada, e por conta de sua cultura precisa conseguir um marido e se casar, desta forma acaba se cobrando mais do que deve para seguir um padrão e não decepcionar sua família.

Quando o imperador da China sofre um ataque inimigo, decide ordenar que toda família do País deverá ceder um homem para treinar no exército imperial, então *HuanMulan*, uma jovem que tirando seu pai doente tem a família formada por mulheres, resolve fantasiar-se de homem e o substituir no exército, enfrentando seus medos e salvando toda china.

Em sua primeira cena no filme, Mulan aparece escrevendo em seu braço coisas relacionadas a comportamentos “Calma, reservada, graciosa, educada, delicada, equilibrada, pontual” (MULAN,1998). Tais adjetivos foram descritos para lembrar o perfil de uma “boa esposa”, visto que,na sequência da cena seu pai aparece orando em um templo para que Mulan impressione a casamenteira, ou seja, a jovem precisa arranjar um marido para casar-se.

Na cena em questão, a protagonista aparece para entregar chá ao pai e ele comenta “Mulan, já devia estar na cidade, contamos com você para honrar nossa família” (MULAN, 1998). Portanto, somos conduzidos a refletir sobre as responsabilidades de Mulan, a necessidade de agir delicadamente para agradar e conseguir um bom marido, honrando sua família, além disso, a jovem não possui os requisitos impostos e nem segue os padrões da casamenteira, motivo pelo qual em várias cenas seu pai aponta que deve orar um pouco mais, uma forma de ajudar Mulan.

A sequência do filme nos revela que não só o pai de Mulan, mas todo seu círculo de convivência tem o mesmo tipo de pensamento. Quando Mulan chega à cidade sua mãe e avó já lhe aguardam, a protagonista é levada para passar por um processo de embelezamento com roupas claras e delicadas, maquiagens e joias, durante todo esse processo as imagens são acompanhadas de uma música no fundo que em sua letra fala coisas como “Mas terá que ser calma, obediente e ter vigor com bons modos e com muito amor [...], mas não vá fracassar, traga honra a todas nós”. (MULAN, 1998). A figura 13 demonstra como a jovem foi preparada para o encontro com a casamenteira.

Figura 13: Mulan é arrumada para encontrar a casamenteira.



Fonte: Fotograma do filme Mulan (1998).

As cenas do filme ao mostrarem Mulan sendo embelezada por sua família enquanto toca uma música com letras sobre comportamentos submissos que as mulheres necessitam ter no casamento, remete a tentativa de encaixe da personagem em um padrão idealizado da mulher perfeita, pois segundo Parker (1991) a sociedade cria um padrão a qual define como esposa desejáveis sendo aquelas mulheres que são belas em aparência, boas cozinheiras e serviçais aos homens. Esses pensamentos se internalizam até mesmo na cabeça de Mulan, que mesmo incomodada com a situação canta “Ancestrais ouçam bem, eu lhes peço proteção também, pra que encontre logo um alguém e ao meu pai eu vou honrar” (MULAN, 1998).

A forma de pensar de Mulan determina que sua felicidade está totalmente ligada a um homem, esse tipo de comportamento segundo Adichie (2014, p. 33) acontecem, pois “criamos as meninas de uma maneira bastante pernicioso, [...] Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir”. Ser criada em um molde faz com que seja difícil para as mulheres tentarem seguir caminhos diferentes dos que já estão acostumadas, principalmente quando se tem uma relação afetiva que espera algo de você e traz responsabilidades, como no caso de Mulan e a necessidade de se casar para trazer honra a família.

A jovem só é impulsionada a agir diferente quando seu pai é chamado para servir no exército, mesmo sabendo que pode morrer se for descoberta, resolve substituí-lo e fantasia-se de homem partindo de casa ao local de encontro do exército, sua família se desespera ao se dar conta de sua fuga, mas sem alternativa torcem para que ela volte, pedindo aos ancestrais que a mantenham em segurança.

Esse trecho ilustra ao espectador a relação afetiva de sua família e a ligação destes com os ancestrais, mostrando que muitas de suas ideias sobre os comportamentos femininos vieram através deles. Segundo Foucault (1997) cada sociedade tem um regime da verdade, os discursos que aceitam como verdadeiro e que por isso circulam por muito tempo, gerando a normalização de algumas falas. O fato da família de Mulan reproduzir os discursos feitos pelos ancestrais

significa que os pensamentos de sua sociedade ainda são os mesmos da antiguidade em relação a comportamentos das mulher, o que fica em evidência quando em uma cena os ancestrais vão escolher quem irá proteger Mulan e um deles comenta “Mas se ela for apanhada FaZou cairá em desgraça, a desonra atingirá a família [...]”. (MULAN, 1998). Apontando que para eles o lugar da mulher é em casa, servindo ao marido e a família. A figura 14 mostra Mulan fugindo de casa para ir ao exército.

Figura 14: Mulan se fantasia de homem e foge de casa para substituir seu pai no exército.



Fonte: Fotograma do filme Mulan (1998).

Na cena posterior os ancestrais decidem mandar um dragão para proteger Mulan, mas por um vacilo quem acaba assumindo este papel é Mushu, um ancestral rebaixado a um pequeno dragão que não possui habilidades de fogo ou luta. Apesar de Mushu não ser o que se espera para proteção de Mulan, sua relação com a protagonista chama a atenção, pois este torna-se confiante dela ao ajudar a jovem a adaptar-se aos novos comportamentos exigidos em sua jornada. A figura 15 revela Mulan desenvolvendo uma relação afetiva com Mushu.

Figura 15: Mushu desenvolve uma relação afetiva com Mulan e a ajuda em sua jornada.



Fonte: Fotograma do filme Mulan (1998).

Nas cenas do exército o espectador é levado a se deparar com a grande diferença de comportamentos masculinos e femininos, enquanto para as mulheres é cobrado atos delicados, submissão e beleza, os homens são retratados em atos grosseiros, como coçar o pé com palitinho, tatuar o peito, comer como esfomeados, e que são normalizados por Mushu quando em uma conversa a protagonista diz que os homens são nojentos e ele responde “Não, eles são homens”. (MULAN, 1998).

A personagem tem dificuldade para se adaptar aos novos comportamentos, porém com muito treinamento e tentativas, apresenta evolução e desenvolvimento de suas habilidades conseguindo enfrentar os desafios propostos por Li Sang⁵, coisa que nenhum dos outros homens haviam feito, e assim conquista o respeito de seus companheiros de batalha, portanto mostrando ao público que força e agilidade não é algo provido apenas do homem. Na figura 16 Mulan mostra suas habilidades de luta

Figura 16: Mulan mostra suas habilidades de luta.



Fonte: Fotograma do filme Mulan (1998).

Além disso, durante uma batalha Mulan mostra sua inteligência e raciocínio lógico ao ter a ideia de usar fogo para derrotar o exército inimigo que se aproxima, salvando a vida de todos, mas acaba ferida e tem seu disfarce descoberto. Ao saber do seu disfarce, Li Sang resolve poupar sua vida, pois suas habilidades salvaram seus companheiros, porém não deixa que ela siga junto com o exército. É nesse momento descobrimos os reais sentimentos que levaram a Mulan a agir fora da bolha, em uma conversa com Mushu a protagonista aponta “Talvez eu só quisesse provar que posso fazer coisas certas, para poder olhar no espelho e ver alguém que valesse a pena” (MULAN, 1998). Portanto, é revelada a confusão e angústia da protagonista, que sentia que deveria seguir o que sua família desejava para si, com o objetivo de não desonrar a família, mas ao mesmo tempo queria encontrar sua identidade, pois não se sentia ela mesma dentro dos padrões em que foi posta.

Dando sequência ao filme, Mulan descobre que seus inimigos ainda estão vivos, pretendendo ir ao encontro do rei para Matá-lo e tomar a china sob controle, a personagem decide avisar a todos sobre as ameaças, mas ao tentar conversar com os generais de batalha não é ouvida, o que a faz se questionar o motivo de não a estarem ouvindo, já que todos sempre levavam suas falas em consideração, até que Mushu aponta “Ué, você é mulher de novo, não lembra?”. (MULAN, 1998).

⁵ Capitão do exército responsável por treinar os novos soldados para a batalha.

Neste trecho contemplamos o fato da personagem se dar conta de como sua posição como mulher a colocava em submissão aos homens, em que sua voz não era ouvida apesar de falar coisas importantes, é também nessa cena que notamos o encontro da personagem com a imagem que ela desejou desde o início encontrar, pois apesar das negativas a jovem resolve lutar e assim acaba mais uma vez usando de habilidades físicas e mentais para derrotar os inimigos e salvar o imperador, que lhe dá uma medalha de honra e a espada de ShanYu. Mulan retorna para casa, entrega a espada e medalha ao seu pai e diz que honrou a família, depois Li Sang aparece a procura da jovem e é convidado para jantar, o que deixa a entender que os dois terão um relacionamento amoroso.

O filme Mulan revolucionou seu tempo, pois trouxe uma protagonista diferente do que estavam acostumados, quebrou estereótipos de que as protagonistas mulheres tinham que ser loiras, delicadas, de olhos coloridos, apresentando uma personagem com uma cultura diferente, considerada uma garota normal, mas com uma obrigação de seguir o destino do casamento, pois tinha responsabilidades com a família.

Assim, é possível perceber que o desenvolvimento de Mulan foi algo gradual, às situações que vivenciou levaram ao seu crescimento, a personagem sempre se sentiu incomodada com o destino que tinha que seguir e por isso era considerada uma garota difícil pela sua família, que esperava um comportamento feminino e submisso, a personagem, apesar de não entender bem o que a faria se sentir satisfeita com sua imagem seguiu os seus desejos e mostrou para as meninas de todas as idades que as mulheres podem ocupar diferentes lugares, inclusive o de esposa e filha que deseja o bem da família, mas não precisam abrir mão daquilo que deseja alcançar para isso.

Portanto, no contexto educativo, a personagem pode ajudar em trabalhos sobre o papel feminino na sociedade com as exigências de sua família e cultura, também estimula ao imaginário ao mostrar que não precisa ser da realeza para alcançar protagonismo, “além disso, adotar a pedagogia do imaginário implica partir de ações que possam corroborar para uma educação que rompe com os paradigmas tradicionais, transcendendo a alfabetização descontextualizada e favorecendo o protagonismo do estudante”. (DIAS, GOMES, LIMA, 2021, p. 201).

4.2 PRINCESA FIONA – FILMES SHREK 1 (2001), SHREK 2 (2004), SHREK 3 (2007)

Os filmes Shrek 1, 2 e 3, são uma sequência de animações criadas e produzidas pela DreamworksAnimation⁶. Os filmes foram um sucesso de bilheteria e conquistaram muitos fãs através de suas histórias criativas e nada convencionais, constitui-se em um conto de fada com quebra de estereótipos, pois Shrek é um ogro com a aparência nada agradável aos olhos, cheio de maus modos e sempre colocando seus interesses acima do desejo de qualquer pessoa. Para encontrar a princesa Fiona, nosso foco nesta análise, Shrek é levado pelo desejo de ter seu pântano de volta após este ser invadido por seres de contos de fadas que foram expulsos de suas casas pelo LordFarquaad, então os dois entram em um acordo: Shrek trará a princesa em segurança para o Lord e assim os seres de contos de fadas poderão voltar para suas casas, devolvendo a paz e sossego no pântano. A imagem 17 retrata o poster do filme Shrek 1.

Figura 17: Poster do Filme Shrek 1 (2001).



Fonte: Adoro cinema.

O filme é cercado por personagens diferentes dos contos tradicionais. Shrek ao invés de um príncipe é um ogro, o dragão que protege a princesa é fêmea, o fiel acompanhante de Shrek e da princesa em suas jornadas é um burro falante, além disso, a princesa não corresponde aos moldes clássicos impostos pela sociedade.

No início da sua jornada, podemos até imaginar que assistiremos mais uma princesa pois Fiona é apresentada como a filha de um monarca, uma jovem bonita que vive trancada em

⁶ Estúdio de animação digital.

uma torre distante vigiada por um dragão. A princípio não sabemos o motivo desse cenário, porém no decorrer do filme descobrimos que a mocinha foi vítima de um feitiço e condenada a se transformar em uma ogra todas as noites, sua liberdade só aconteceria mediante o beijo de seu amor verdadeiro.

A personagem nos mostra os ideais dos moldes das princesas dos contos de fadas tradicionais, em que as mulheres são retratadas em segundo plano, a mocinha em perigo a espera de seu herói, o salvador, que irá casar-se com ela, assim proporcionando sua felicidade, como mostrado em seu discurso quando Shrek a salva da torre: “Ah, você deve conhecer a história, a princesa presa na torre com um dragão, é salva por um bravo cavaleiro e aí eles dão o primeiro beijo do amor verdadeiro”. (SHREK 1, 2001).

Nessa mesma linha de raciocínio, Fiona se mostra consciente de sua aparência como ogra desagradável aos olhos da sociedade ao se definir como “horrível besta” (SHREK 1, 2001). A jovem apresenta uma visão sobre si a qual determina o seu futuro e que ela não vê saída, pois embora sua aparência não tenha importância para ficar ao lado de Shrek, por quem ela está apaixonada, ela se sente presa aos padrões de beleza e felicidade tradicionais

Fiona: Olha bem pra mim, burro, pensa bem... Quem poderia amar um monstro tão nojento e feio? E princesa e feiura não combinam, e é por isso que eu não posso ficar aqui com o Shrek, minha única chance de ser feliz para sempre é me casar com meu verdadeiro amor. Não entende, burro? É assim que tem que ser. (SHREK 1, 2001).

O trecho destaca ao espectador a ideia de ser princesa e mulher pela visão da personagem e seu conformismo ao depender de um homem para alcançar a felicidade, além disso, ao longo dos filmes vamos percebendo que o pensamento da mocinha foi repassado por sua família desde quando ela era apenas uma menina, como apontado na cena em que Shrek acha seu antigo diário: “Querido diário, a mamãe disse que quando eu tiver idade o meu lindo príncipe encantado irá me salvar da torre e me trazer de volta para minha família, e vamos viver felizes para sempre [...]” (SHREK 2, 2004). A figura 18 mostra Shrek lendo o diário de Fiona.

Figura 18: Shrek ler o diário de Fiona.



Fonte: Fotograma do filme Shrek 2 (2004)

Adichie (2014) discute que as mulheres desde pequenas são criadas com uma ideia de padrão de beleza, onde deve ser delicada, com traços femininos e comportamento dócil, além

disso, as fazemos acreditar que o casamento é a coisa mais importante do mundo e uma condição para felicidade. Fiona é um reflexo dessa criação, reproduz os discursos que ela foi levada a acreditar em sua condição social, por isso em algumas de suas reações tenta se comportar da forma que esperam. Porém, isso não impede que seja mostrado o seu lado independente, a jovem tem habilidades intelectuais e físicas, o que são demonstrados diversas vezes no decorrer dos filmes, como quando um grupo de homens tenta raptá-la, mas ela luta contra eles, no primeiro filme, ou quando se junta com outras princesas para escapar das garras dos vilões, no terceiro. A figura 19 retrata Fiona lutando para impedir seu sequestro.

Figura 19: Fiona usa luta contra homens para impedir seu sequestro



Fonte: Fotograma do filme Shrek 1 (2001).

No desfecho do primeiro filme a jovem decide os rumos de sua vida e conquista sua liberdade ao revelar e aceitar sua forma ogra, encontrando a felicidade ao agir de forma decidida e corajosa. Já o segundo filme traz Fiona no papel de esposa, onde acaba perdendo um pouco de sua veemência, assumindo uma postura mais calma, dócil e domesticada.

Em uma das cenas do longa, Fiona e Shrek estão discutindo pelos comportamentos de Shrek em relação aos pais da protagonista que não o aceitam, o ogro revoltado com a situação afirma para ela que nunca irá mudar e Fiona responde “Eu mudei pra você Shrek, pense bem nisso”. (SHREK 2, 2004). A atitude da personagem revela o comportamento de muitas mulheres no casamento, que acreditam que ao casar são as mulheres que devem renunciar às coisas. (ADICHIE, 2014).⁷

A sequência problematiza novamente a ideia de que para ser aceito e alcançar a felicidade precisa estar por dentro dos padrões de beleza da sociedade, pois após a conversa

⁷ A escrita tem referência nos escritos de Adichie.

com a protagonista, o ogro decide que deve proporcionar sua felicidade verdadeira ao procurar uma poção mágica que dê a eles o “felizes para sempre” tão esperado dos contos.

Shrek vai à indústria da fada madrinha e pede a ela uma poção que o ajude, porém nesse momento a fada rir e mostra a ele diversas histórias em que os finais felizes nunca estão relacionados aos ogros, pois estes são sinônimos de feiúra e maldade. O ogro decidido a fazer sua amada feliz rouba a poção “Felizes para sempre” e ao tomá-la junto com um burro, transforma Fiona e ele em formas humanas e o burro em um cavalo alazão, ou seja, traz a ideia de que para ser feliz é necessário ter uma boa aparência física.

Entretanto, as cenas seguintes servem para mostrar que não é assim que a felicidade funciona. Fiona acorda e grita espantada ao se olhar no espelho e se deparar com a sua aparência humana, o filho da fada madrinha aproveitando-se da situação e de que Fiona não conhece a aparência humana de Shrek, assume seu lugar e finge ser ele, porém, seus comportamentos fazem a protagonista estranhar e se sentir infeliz, reconhecendo que se apaixonou pelo Shrek fora dos padrões ao relatar que “Eu me apaixonei pelo outro Shrek, pai, eu daria tudo pra tê-lo de volta” (SHREK 2, 2004).

Shrek: Meia noite! Fiona é isso mesmo que você quer? Ser assim para sempre?

Fiona: O que?

Shrek: Porque se me beijar agora podemos ficar desse jeito.

Fiona: Você faria isso por mim?

Shrek: Sim!

Fiona: Eu quero o que qualquer princesa quer, viver feliz para sempre.... Com o ogro com quem me casei. (SHREK 2, 2004).

O trecho final da longa permite observar que o princípio do filme foi mantido, a volta dos personagens as suas identidades de ogros quebram estereótipos ao desconstruir a imagem dos gêneros nos contos de fadas tradicionais, a escolha de Fiona mostra que a personagem é uma mulher apaixonada que mudou para estar com o marido, mas que nessa mudança encontrou sua verdadeira felicidade e não se arrepende de suas escolhas, além disso, evidencia que Fiona não é a única disposta a passar por mudanças para estar com quem ama, revelando ao público que o casamento é uma via de mão dupla, onde tanto a mulher como o homem devem se doar na mesma proporção.

No terceiro filme, os personagens aparecem tendo que se adaptar a vida e responsabilidade no reino após o pai da princesa adoecer, a sequência de cenas mostra os dois com dificuldades para seguir os padrões exigidos para o reinado e quanto isso está os estressando.

Em uma conversa matinal os protagonistas revelam estar com saudades da vida no pântano, dos odores e morfo que o local proporciona, a conversa chama atenção, pois Fiona

parece apreensiva e aponta que talvez eles ouçam até um barulho de pezinhos pelo chão, Shrek não entende o que a princesa quer dizer até que ela fala sobre serem pezinhos de bebês ogros.

O ogro tem uma reação nervosa e pede para que eles sejam racionais, pois os bebês “só comem e fazem cocô” (SHREK 3, 2007). Fiona então pergunta se ele nunca pensou em ter uma família, mas ao que ele responde que ela é a família dele, a princesa parece decepcionada.

O trecho revela ao espectador a concepção patriarcal do que se espera de um relacionamento amoroso, depois de envolvidos e casados há a necessidade de ter filhos para formar uma família completa, e ainda remetem a ideia de que para mulher é algo de sua natureza ser mãe por isso para ela aceita com facilidade quando descobre que está grávida, já para Shrek, por ser homem, a situação é difícil de ser aceita.

Por conseguinte, o pai de Fiona morre e enquanto Shrek sai a procura de Arthur, segundo sucedido ao trono e tenta lidar com a ideia de ser pai, a princesa passa por situações que representam as ideias da sociedade sobre as mulheres grávidas. Em uma das cenas Fiona realiza o chá de bebê com a participação de outras princesas dos contos de fadas tradicionais, durante uma conversa fútil as princesas dão conselhos sobre casamentos e filhos, sem de fato terem experiência para isso.

Rapunzel: Ah ora, vamos, Fiona, você sabe muito bem como é.

Bela Adormecida: Vai “tá” cansada o tempo.

Branca de Neve: Aí começa a se descuidar.

Biscoito: Vem as estrias.

Rapunzel: Não há amor que resista.

(Fiona rir em um ato nervoso)

Fiona: Me desculpem, mas quem de vocês tem filho?

Dóris: Tem razão, um bebê só vai fortalecer o amor que existe entre o Shrek e a Fiona [...]. (SHREK 3, 2007).

O diálogo entre as princesas desconstrói a ideia de que princesas são sempre sensatas, expondo-as até mesmo como superficiais, a cena possibilita com que o expectador entenda que beleza nem sempre tem a ver com inteligência, pois as únicas a pensarem de forma coerente foram Fiona e Dóris e as duas não se encaixam nos padrões convencionais de beleza. Além disso, a preocupação das princesas em relação a aparência de Fiona expressa um comportamento comum de nossa sociedade que discursam abertamente o quanto as mulheres devem cuidar do seu físico para que não percam seus maridos. A figura 20 mostra as princesas reunidas para o chá de bebê.

Figura 20: As princesas se reúnem em um chá de bebê e dão conselhos a Fiona sobre casamento e



Fonte: Fotograma do Filme Shrek 3 (2007).

Goellner (2008) comenta que a banalização do corpo feminino ocorre em diversos espaços culturais, como por exemplo, nos filmes, esta banalização representa um padrão obrigatório de beleza a qual as mulheres devem se submeter, fazendo com que elas gastem esforço, tempo, dinheiro e seu emocional para agradar os anseios corporais da sociedade. Fiona não parece mais disposta a passar por isso, o que representa sua evolução comparado ao primeiro filme, pois agora se mostra incomodada ao ouvir os discursos que falaria de bom grado no começo de sua trajetória.

A personagem também expõe novamente suas habilidades físicas e intelectuais quando o reino é atacado pelo Príncipe Encantado, que deseja usurpar o trono. O príncipe aborda que agora que assumirá o trono as princesas voltarão a ser como eram antes, “logo voltarão às origens, esfregando o chão ou trancadas em torres”. (SHREK, 2007). Em seguida, ao serem presas, Fiona pede para que as princesas reajam, mas elas apenas se sentam confortavelmente para esperar, a princesa então questiona o motivo para estarem apenas esperando e Branca de Neve ironiza “O que quer que a gente faça? Somos apenas quatro... Quer dizer, três princesas super gostosonas, dois monstregos de circo, uma ogra grávida e uma velha”. (SHREK, 2007). As cenas e discursos das personagens cumprem o papel de ironizar as princesas dos contos tradicionais ao reproduzir falas da visão patriarcal, onde as mulheres são fracas e necessitam da figura do homem para protegê-las e remete ao público o papel da mulher nos contos tradicionais, o de submissa que ver no homem o herói protetor.

O filme vem novamente fazer a diferença quando a mãe de Fiona reage e com um golpe de artes marciais quebra o muro da prisão, ao ver a reação surpresa da filha, a rainha aponta “Ora, ou você achava que sabia lutar por que tinha puxado ao seu pai?” (SHREK, 2007). Posteriormente, as princesas se juntam, e em um ato revolucionário e corajoso se preparam para

lutar. A figura 21 mostra as princesas unidas para combater o vilão.

Figura 21: As princesas se unem para lutar contra o Príncipe Encantado.



Fonte: Fotograma do filme Shrek 3 (2007).

O ato das princesas revela uma referência ao movimento feminista e o fim da rivalidade entre as mulheres que geralmente se é abordada nos contos tradicionais, ao se unirem as princesas assumem o papel de protetoras da própria história e com a fala da mãe de Fiona e a preparação das princesas para batalha, queimando sutiã, afiando o sapatinho de cristal e pintando o rosto, mostram que mesmo sendo femininas são capazes e fortes para realizar um ato revolucionário e salvar o reino das garras do vilão da história, abrindo novos horizontes para o imaginário das mulheres e evidenciando ao espectador que esta pode ocupar diversos espaços, inclusive o de heroína da sua própria história.

Portanto, diante todas as informações apresentadas dos filmes Shrek 1, 2 e 3, é possível perceber que o longa trabalha com a realidade vista na sociedade, primeiro com a mulher presa a sua aparência e idealização de um príncipe que irá salvá-la lhe proporcionando a felicidade eterna, em seguida a visão do casamento em que a mulher é submetida às vontades do marido e logo após, a liberdade conquistada através de lutas e movimentos.

As sequências dos filmes trazem permanências da visão tradicional sobre o espaço de gênero, como quando se espera que a mulher ao ter filhos não se descuide para não perder o marido, ou quando se dar a entender que para ser feliz em sua plenitude é necessário que o casal tenha filhos, mas ao mesmo tempo trabalha com a desconstrução de estereótipos, ao que Fiona descobre que beleza não é sinônimo de felicidade, é problematizado a questão do casamento e chegada dos filhos, mostrado que as mulheres podem reagir e ocupar diferentes espaços do que foram colocadas para acreditar que devem estar e abordado que depois do felizes para sempre

tem uma história para dar continuidade, expondo para o imaginário público que a visão sobre o gênero no espaço cinematográfico ainda está em processo de construção e que a história e cultura podem influenciar nos discursos e mudanças desse espaço, ocasionando novas percepções sobre a mulher e sociedade. A figura 22 retrata as princesas salvando o reino.

Figura 22: As princesas salvam tão, tão distante.



Fonte: Fotograma do Filme Shrek 3 (2007).

4.3 HARLEEN QUINZEL (ARLEQUINA) – FILMES ESQUADRÃO SUICIDA (2016) E AVES DE RAPINA: ARLEQUINA E SUA EMANCIPAÇÃO FANTABULOSA (2020).

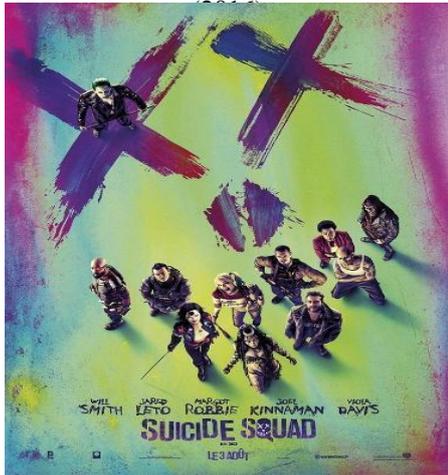
O filme esquadrão suicida lançado em 2016 pela *DC Entertainment*⁸ conta a história de um grupo de supervilões que são contratados para trabalhar para o governo protegendo o mundo de possíveis perigos, a ideia do esquadrão surgiu depois que Amanda Waller, uma agente do governo, se convenceu que o governo precisava de seu próprio grupo de metas humano após a morte do Superman.

Assim, com a promessa de redução de pena em 10 anos ou a morte dos super vilões e dos seus parentes, caso não aceitassem a proposta, a agente consegue criar o esquadrão suicida e comandar os maiores vilões existentes. O filme chamou atenção desde a divulgação do seu

⁸ Empresa de entretenimento que produz adaptações de histórias em quadrinhos (HQ'S) do universo DC para as telas do cinema.

lançamento, por ser uma história adaptada dos quadrinhos e já ter uma rede de fãs, também por contar com um elenco bastante valorizado no cinema hollywoodiano, como: Will Smith, Jared Letto, Margot Robbie, Ben Affleck e Viola Davis. A figura 23 mostra o poster de Esquadrão suicida (2016).

Figura 23: Poster do filme Esquadrão Suicida



Fonte: Adoro cinema.⁹

Apesar de longa ter diversos protagonistas, o foco principal nessa sessão será Harleen Frances Quinzel, também conhecida como Arlequina ou Harley Quinn, uma jovem que cresceu em uma família instável e foi abandonada em um convento, tendo de lidar com o abuso das freiras e se dedicar aos estudos para transformar sua vida. Harleen, se formou em medicina e começou a trabalhar como psiquiatra no asilo Arkham onde conheceu Coringa ao ficar encarregada de tratar o seu caso, porém à medida que a jovem pensava o está ajudando acabou envolvida em sua rede de manipulação e se transformou em vilã ao ajudar em sua fuga na esperança de viver um amor doentio e ilusório. A obsessão da personagem por Coringa e seus traumas com a família fizeram com que Arlequina perdesse parte de sua sanidade mental, o que refletiu em seu comportamento, apresentando uma personalidade cheia de piadas e ironias, representando parte de sua loucura.

No filme, em sua primeira aparição, Harleen está em sua cela pendurada em um tecido fazendo acrobacias aéreas, em seguida um guarda aparece para conversar com ela, durante a conversa ele se refere à Harleen como louca e ela responde “Entra aqui e me diz isso, ou está com medo? Eu estou entediada, brinca comigo, por favor” (Esquadrão suicida, 2016). Apesar

⁹ Esquadrão suicida. **Adoro cinema**, 2016. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-144185/fotos/detalhe/?cmediafile=9001708416>. Acesso em 21 de junho de 2023.

da voz mansa e de gestos sensuais, a personagem nesse momento possui um olhar que deixa a entender que fará com que ele pague pelo que falou e isto é confirmado ao que o guarda responde “Mandou cinco guardas meus para o hospital, ninguém brinca com você” (Esquadrão suicida, 2016). Portanto, a cena possibilita com que o espectador conheça a personalidade da vilã, que utiliza da voz mansa e sensualidade para seduzir suas vítimas e conseguir com que eles façam o que ela deseja. A figura 24 mostra Arlequina sensualizando na cela.

Figura 24: Arlequina sensualizando na cela.



Fonte: Fotograma do filme Esquadrão Suicida (2016).

Em outro momento da conversa, quando Harley dá uma resposta desaforada ao guarda ele manda que deem um choque nela, ao levar um choque a personagem lembra de sua chegada na cadeia. Na cena, ela aparece vestida apenas com uma calcinha azul enquanto é cercada por guardas que a observam rir e se balançar em um ato de insanidade. A figura 25 retrata Arlequina em seus primeiros momentos na cadeia.

Figura 25: Arlequina em seus primeiros momentos na cadeia.



Fonte: Fotograma do filme Esquadrão suicida (2016).

A cena chama a atenção para a forma que é retratada o corpo e as vestimentas da personagem. Como vimos nos capítulos anteriores boa parte das mulheres ao aparecem nas telas cinematográficas são usadas como objeto do olhar, da sexualização, Arlequina foi uma personagem exclusivamente criada para isso, para atender a necessidade do olhar masculino, por isso em Esquadrão suicida suas vestimentas e os enquadro nas câmeras estão sempre ligados

para chamar atenção ao físico da personagem. Sobre a objetificação de Arlequina, Lima (2022, p. 38) aborda que “Não estamos falando de uma personagem feminista, livre e independente, mas de uma personagem construída nos moldes do machismo, que o único objetivo era sua hipersexualização para agradar os leitores masculinos”.

Por exemplo, em uma das cenas do filme a personagem aparece cercada por homens enquanto troca de roupa para vestir seu novo uniforme, apesar de todos seus companheiros de equipe estar fazendo o mesmo, é perceptível que o enquadro da câmera em Harley é maior, focando em todo o seu corpo de cima a baixo, além disso, a protagonista é a única que recebe um uniforme que não condiz com uma batalha, já que este é formado por um minúsculo short, uma camiseta com a escrita “mostrinha do papai”, jaqueta, botas de salto e para acompanhar, um penteado de Maria Chiquinha e um colar que mais parece uma coleira com o nome “pudim”, apelido que ela deu para o coringa, o que deixa entendido que ela é um bichinho de estimação e propriedade dele.

Até nas cenas de lutas da personagem, em que as câmeras deveriam possibilitar ao espectador conhecer suas habilidades, os enquadros parecem mais preocupados em focar em partes do corpo da rainha do crime, deixando em evidência os movimentos corporais com conotação sexual. A figura 26 mostra Arlequina trocando de roupa e sendo observada e a figura 27 mostra Arlequina em um golpe de luta.

Figura 26: Arlequina troca de roupa enquanto é observada.



Fonte: Fotograma do filme Esquadrão suicida (2016).

Figura 27: Arlequina é presa em um golpe por trás.



Fonte: Fotograma do filme Esquadrão Suicida (2016).

Outro ponto que chama atenção é a relação da personagem com Coringa e sua romantização, embora Arlequina fale do vilão como se ele fosse seu grande amor, alguns apontamentos deixam bem claro como o relacionamento dos dois funciona. A personagem descreve como se sentiu ao se apaixonar por Coringa e em qual posição esse relacionamento a deixava:

Foi tipo pular de um avião sem paraquedas e me esborrachar de cara lá embaixo... Eu perdi a noção de quem eu era, só tinha olhos pro meu “pudimzinho” [...] eu era o cérebro por trás dos maiores feitos do Coringa... Apesar de ele não deixar ninguém saber disso (AVES DE RAPINA, 2020).

Os trechos revelam a perda de identidade da personagem após iniciar seu relacionamento com o Coringa e como seu mundo girava em torno dele, pois mesmo se sentindo infeliz com o fato de o vilão ficar com a glória de seus feitos, Arlequina ainda se submetia aos seus desejos. Os comportamentos da protagonista representam bem a mulher que passa por um relacionamento abusivo na sociedade, que mesmo não estando satisfeita com a relação se mantém com o homem em prol de uma melhora e de um amor idealizado que infelizmente não existe. A figura 28 retrata Arlequina insatisfeita com sua relação.

Figura 28: Arlequina permanece ao lado de Coringa mesmo insatisfeita com a relação.



Fonte: Fotograma do filme Aves de Rapina (2020).

A jovem por diversas vezes deixa em evidência sua dependência na figura masculina, como quando se joga em um tanque de água fervente para provar seu amor por ele, ou quando no final do filme *Esquadrão Suicida* após ser enfeitiçada pela vilã para fantasiar com seu maior desejo, Arlequina sonha com uma vida feliz ao lado de Coringa, onde eles têm dois filhos, ela é dona de casa e ele provedor da família, “o mesmo pensamento que o cinema tradicional tem repassado ao longo dos anos como sendo algo natural e ideal para a mulher” (PEREIRA, RIBAS, 2020, p. 331). A figura 29 retrata Arlequina sonhando com uma vida ao lado de Coringa.

Figura 29: Arlequina sonha com uma vida ao lado de Coringa.



Fonte: Fotografia do filme *Esquadrão Suicida* (2016).

O desejo da protagonista se encaixa no pensamento da sociedade de que as mulheres não têm objetivos e sonhos relacionados a trabalhos e outras áreas da vida, só se sentindo feliz e realizada se conseguirem um bom casamento e filhos para cuidar. Sobre o casamento, Beauvoir (1967, p. 166) escreve que:

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como provedor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade.

Assim, é de entendimento que Harleen é uma personagem feita de estereótipos que colocam a mulher em um espaço de submissão ao homem, que apesar de serem fortes fisicamente e inteligentes, necessitam da companhia e proteção da figura do homem para que sua vida tenha sentido.

Portanto, *Esquadrão Suicida* (2016) apesar de ter conseguido ser um grande sucesso

antes de seu lançamento recebeu duras críticas ao colocar a mulher representada pela personagem em espaço de submissão e sexualização, “o diretor David Ayer sofreu críticas de fãs pelo figurino da personagem Arlequina, pela personagem ter atributos exagerados em relação à sua sensualidade” (MICHELIN, DIAS, GALON, 2022, p. 77). As discussões duraram semanas em sites da internet, enquanto algumas pessoas pediam por uma versão do longa que trouxesse a personagem conhecida dos quadrinhos, longe de toda a produção que as telas cinematográficas a colocaram, outras se fantasiavam como a personagem em festas, como halloween e carnaval, normalizando suas vestimentas. A figura 30 mostra mãe e filha no carnaval fantasiadas de Arlequina.

Figura 30: Mãe e filha se fantasiam de Arlequina para pular carnaval.



Fonte: G1.¹⁰

Com a repercussão do filme *Esquadrão Suicida* (2016), em 2020 a *DC Entertainment* lançou o filme *Aves de Rapina: Arlequina e sua emancipação fantabulosa*, o longa produzido e roteirizado por mulheres prometia desconstruir a ideia deixada por *Esquadrão Suicida* em relação a personagem Alerquina.

Em *Aves de Rapina, Quinzel*, após se separar de Coringa começa a descobrir uma nova realidade onde a figura do palhaço não está presente, a jovem é levada a se emancipar ou morrer, pois os vilões a quem sacaneou descobrem o fim do seu relacionamento e assim decidem que a matar ficou mais fácil. Quando ela é sequestrada por Roman, um desses vilões, resolve fazer um acordo: Capturar Cassandra Cain, uma adolescente que roubou o diamante do vilão e por quem ele está à procura. Roman aceita a proposta, mas desconfiando da personagem oferece uma recompensa para quem conseguir capturar Cassandra primeiro.

É nessa empreiteira que Harleen acaba envolvida em uma rede de confusões ao criar

¹⁰ FERREIRA, Livia, MOURA, Laura. Mulher leva filha de 7 anos pela primeira vez para o Corso de Teresina e as duas vão fantasiadas de Arlequina. **G1** **PI**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/carnaval/2023/noticia/2023/02/11/mulher-leva-filha-de-7-anos-pela-1a-vez-para-o-corso-de-teresina-e-as-duas-vaio-fantasiadas-de-arlequina.ghtml>. Acesso em: 05 de julho de 2023.

laços afetivos com Cassandra enquanto tenta escapar de assassinos que estão atrás das duas, seus caminhos também se junta a Dinah Lance, também chamada de Canário Negro, Renee Montoya, detetive da delegacia de polícia de Gotham City e Caçadora, quando as três descobrem ter o mesmo objetivo: Acabar com Roman, proteger Cass e a cidade de Gotham.

As primeiras cenas de Aves de rapina já mostram ao espectador o espaço em que a personagem irá ocupar, Arlequina aparece contando a história como se estivessem acontecendo no momento da narrativa. Essa ação revela que agora Harley terá voz, deixando em evidência que ao se separar de Coringa a protagonista abre horizontes para que possa ser dona da própria história, além disso conquista o público ao fazer com que conhecendo sua história possam se sensibilizar e criar relações afetivas com a personagem.

O longa é cheio de cores e cenas com explosões de fumaças e confetes coloridos representando a personalidade da jovem, que ainda continua irônica, divertida e sensual, mas agora em dosagem certa. Se em esquadrão Suicida (2016) a vestimenta de Arlequina tinha o intuito apenas de sensualizar, em aves de rapina existe uma desconstrução dessa ideia quando suas vestimentas correspondem aos seus sentimentos e personalidade. A figura 31 retrata as vestimentas coloridas de Arlequina.

Figura 31: Arlequina usa roupas coloridas representando sua personalidade.



Fonte: Fotograma do filme Aves de Rapina (2020).

Em suas primeiras cenas, o filme retrata Arlequina desapegando de seu relacionamento abusivo e assim passando pelas fases necessárias para construir sua nova versão, a personagem aluga um quarto em cima de uma lanchonete, coloca uma foto de Coringa em uma das paredes utilizando como tiro ao alvo, chora, ingere bebida até passar mal, come guloseimas enquanto assiste filmes, corta as mechas azul e rosa, adota uma hiena a qual nomeia de Bruce, arqui-inimigo de seu ex, além disso explode a usina a qual começou seu relacionamento.

O corte de cabelo de cabelo e a explosão da usina representam para Arlequina seu fim do ciclo com o palhaço, a adoção da hiena expõe que a personagem criou antipatia ao seu ex-

amor quando nomeia bicho de estimação com o nome de seu inimigo e apontam para a personalidade que beira a loucura da jovem, que preferiu adotar um animal considerado feroz, mostrando também que ela passou a “apresentar valores morais, ainda que de forma distorcida; como a valorização da vida e dignidade dos animais domésticos [...]”. (BARBOSA, 2019, p. 96). A figura 32 retrata Arlequina cortando as mechas do cabelo, já a figura 33 mostra a jovem adotando uma hiena.

Figura 32: Arlequina corta as mechas do cabelo.



Fonte: Fotograma do filme Alves de Rapina (2020).

Figura 33: Arlequina adota Bruce



Fonte: Fotograma do filme Aves de Rapina (2020).

A protagonista também passa pelo medo de se desvincular a imagem de Coringa quando aborda que “Ser garota do Coringa me dava imunidade, eu podia fazer o que eu quisesse, com quem eu quisesse e ninguém nunca ousou me censurar” (AVES DE RAPINA, 2020). Também demonstra sua solidão com o rumo da nova vida quando em uma conversa com Canário negro, a jovem desabafa:

Arlequina: Sabe o que é um arlequim?

Canário: É um palhaço infeliz com uma maquiagem horrível?

Arlequina: Uuhh... Não, a função de um arlequim é servir, a um público, um mestre... Um arlequim não é nada sem um mestre e ninguém tá nem aí pra quem somos, além disso.

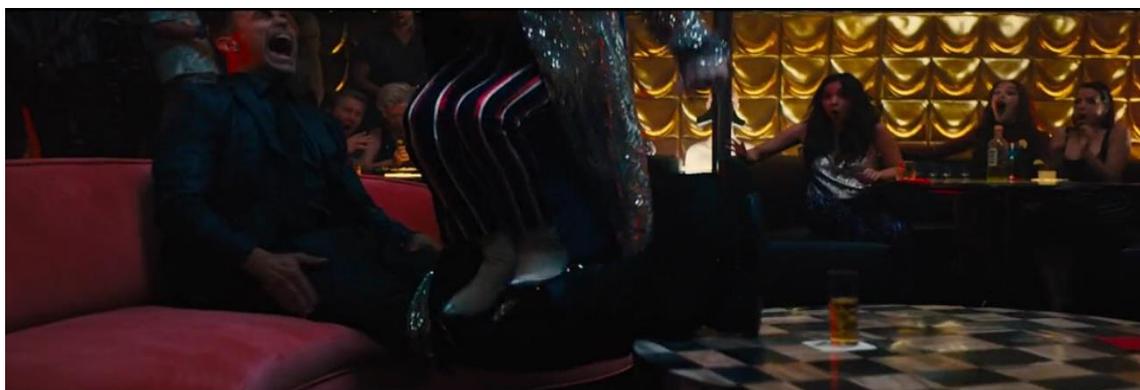
Canário: Eu não sei quem você acha que eu sou, só sei que eu não sou.

Arlequina: Pudimzinho e eu terminamos, ainda não tinha contado pra ninguém... é, foi pra valer e pela primeira vez, em muito tempo, eu tô sozinha na vida... Tá ótimo.
Canário: Bem-vinda ao clube.

Os trechos mostram os pensamentos patriarcais sobre a mulher na sociedade, que acham que só devem respeito ou temer a figura do homem, tendo liberdade para agir da forma que bem entender com a mulher, e o quanto a personagem é consciente disso, mesmo tendo uma personalidade maluquinha. Além disso, revelam a solidão de uma mulher que acaba de sair de uma relação tóxica e procura emancipação, ao que Arlequina não vê alternativa a não ser desabafar com uma mulher desconhecida.

Entretanto, é importante perceber que mesmo com o medo, a personagem a todo tempo desafia aos poderes patriarcais, mostrando sua astúcia e coragem, como quando em uma cena a qual está dançando em uma boate um homem lhe dar ordens e a chama de burra, em seguida ela quebra as pernas dele e responde “Eu sou doutora, filho da puta”. (AVES DE RAPINA), ou quando ela diz que não deveriam temer ao Coringa e sim a ela, pois ela é Arlequina. A figura 34 mostra Arlequina quebrando as pernas de um homem.

Figura 34: Arlequina quebra as pernas de um homem.



Fonte: Fotograma do filme Aves de rapina (2020).

Nesse cenário, as habilidades da protagonista finalmente são postas em evidências. Em Esquadrão Suicida já era abordado que a personagem possui força e um lado assassino, tanto que é escolhida por Amanda Waller para participar do Esquadrão, além de que na conversa que ela tem no começo do filme Esquadrão Suicida com o policial é abordado que ela fez com que cinco de seus homens parassem no hospital, porém, todas as cenas focavam mais na sexualização da personagem do que nas suas habilidades em si, em Aves de Rapina Harley tem espaço para mostrar ao espectador do que é capaz.

A personagem lembra ao público de sua formação ao descrever que é doutora, utiliza de estratégias impensadas, mas que tem resultados positivos para sua sobrevivência, como quando

sequestrada por Roman ao ouvir sobre o roubo de diamante feito por Cass se oferece para capturar a menina em troca de sua liberdade, e ainda faz uso de força física, golpes e armas para derrotar seus inimigos, como na cena em que aparece na delegacia para resgatar Cassandra. A figura 35 retrata Arlequina lutando contra vários homens.

Figura 35: Arlequina luta contra vários homens e mostra suas habilidades físicas e mentais.



Fonte: Fotograma do filme Aves de Rapina (2020).

Outro fator importante para a evolução da personagem são as suas relações afetivas construídas ao longo do filme, se com Coringa Harley se sentia dependente de sua afeição e cuidado, com Cassandra, Dinah Lance, Renee Montoya e Caçadora ela descobre uma relação de companheirismo e empatia, já que as cinco passavam por situações parecidas, como já dito anteriormente: São submetidas às vontades masculinas e querem destruir Roman e salvar Gotham.

As protagonistas de alguma forma possuem ligação com Roman: Cassandra roubou seu diamante, Arlequina procura por Cassandra para salvar sua pele do vilão que deseja lhe matar, Renee tenta resolver caso em que Roman está envolvido para que possa prendê-lo, Canário é sua motorista e o trai repassando informações sobre ele para proteger Cassandra, que já conhecia anteriormente no bairro em que moravam, e Caçadora mata seu melhor amigo por conta de uma vingança relacionada a sua família, ou seja, motivos não faltavam para que as cinco se unissem.

Assim, as cenas finais do filme são repletas de ação em que as protagonistas se unem e lutam contra Roman e seus capangas, conseguindo salvar Cass e a cidade. Posteriormente ao caso ser resolvido, Renee perde o crédito de seus resultados para seu chefe, coisa que já havia acontecido anteriormente com outro caso, e resolve pedir licença da delegacia ao perceber que não precisava se submeter aquilo, formando um time com Caçadora e Canário Negro para proteger a cidade dos vilões, já Arlequina rouba o diamante e foge junto com Cass, a protagonista vende o objeto e investe seu dinheiro abrindo uma empresa.

Portanto, *Aves de rapina* retrata todas as passagens da reconstrução da imagem feminina desvinculada do homem, o processo de separação e a solidão que isto pode causar, a descoberta de novos vínculos afetivos e de sua liberdade, podendo fazer o quiser e construir sonhos relacionados aos seus reais desejos.

Arlequina é uma personagem cheia de personalidade, seu final deixa entendido que a protagonista ainda é capaz de cometer crimes e não está mais disposta a ceder a desejos de terceiros e sim suas próprias vontades, ao continuar com Bruce e Cassandra e transformar a menina em sua “aprendiz”, mostra que a personagem ainda tem seu lado humano que gosta de construir relações afetivas, mas agora de forma mais saudável, além disso, Arlequina faz questão de evidenciar o seu lado poderoso quando diz “Podem me chamar de coração mole... Quem se atreve?” (AVES DE RAPINA, 2020). Levando a compreensão que mesmo com suas decisões que podem ser consideradas mais sentimentais, “de coração mole”, a protagonista ainda tem garra para enfrentar seus desafios e quem ousar lhe enfrentar.

Assim, a evolução da personagem mostra ao espectador que apesar da sociedade taxar a mulher como frágil e dependente da figura do homem, as mulheres são muito mais que isso, possui desejos e sonhos que vão além do casamento, e são fortes, fisicamente e mentalmente, capazes de construir e conduzir a própria história. Precisam sim de relações afetivas, pois ninguém vive sozinho, mas estas relações não precisam se direcionar necessariamente ao homem, ou gerar dependências.

4.4 CINEMA, ALFABETIZAÇÃO MUDIÁTICA E CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NA PRÁTICA

Diante das análises apresentadas, é de entendimento que o cinema faz parte do dia a dia e da educação de pessoas de todas as idades, capaz de influenciar a imagem acerca da mulher. Se pensarmos no cinema apenas como entretenimento talvez a escola não tenha muito que fazer em relação a ele, mas se analisamos como uma arte linguística e visual com particularidades, verão que o cinema carrega em si uma complexidade que pode ser usada na sala de aula para educar com ludicidade e através da realidade dos alunos.

Pensando nessa alfabetização midiática e cinematográfica é comum nas escolas associarem a apresentação de filmes a momentos de descanso do professor e aluno, porém, se

usadas corretamente, as tecnologias podem trazer diversos benefícios. Diante disso, o professor passa a ser mediador do conhecimento, responsável pela apresentação de filmes que contribuam pedagogicamente na educação da criança e de estratégias para seu desenvolvimento, dentre essas estratégias temos: Rodas de conversa, debates, recontos sobre os filmes.

Utilizando da personagem Fiona, por exemplo, pode-se trabalhar conceitos de empatia, padrões de beleza e condicionamento social feminino. A princesa, é uma personagem que no começo de sua trajetória foi vista como frágil e submissa ao esperar por um salvador, em seguida demonstrou habilidades físicas e mentais ao conseguir escapar de diversas situações sem precisar da figura do homem, enfrentou padrões de beleza ao assumir sua forma como ogra e mostrou que pode ser bem mais do que esperam salvando seu reino.

Em sala de aula ao assistir os filmes em que Fiona aparece, o Educador pode propor uma roda de conversa sobre a personagem, pedir para que seus alunos apontem suas características, de que forma a personagem se diferencia das princesas tradicionais e quais suas opiniões sobre a mensagem do filme, assim irá permitir com que ele conheça os pensamentos das crianças e por consequência um pouco de sua realidade.

A partir daí, o professor pode fazer o aluno refletir sobre diversos momentos do filme em que Fiona aparece cedendo aos desejos da sociedade, a ideia de viver com um príncipe que a fará feliz para sempre, de que uma princesa precisa ter uma aparência física dentro do considerado bonito para sociedade e de que a família só é completa quando se tem filhos, logo em seguida os momentos em que a princesa protagoniza comportamentos diferentes do que se esperam de uma mulher, como quando ela usa suas habilidades para se proteger, enfrenta homens, e assume seu amor por um ogro sem medo. Assim, será mostrado aos alunos a forma que as mulheres são vistas ao serem retratadas em contos tradicionais, como a princesa é mostrada no começo de Shrek 1, e como essa pressão de seguir um padrão pode fazer com que mudem seus comportamentos para que se encaixem em um molde, mas que na verdade são fortes, capazes e poderosas, desta forma não precisando do homem na imagem de protetor, mas que possam ser vistos em igualdade.

Já com a personagem Mulan, além de se trabalhar na imagem da mulher ao apontar os diversos momentos em que a personagem aparece fugindo do que é considerado papel da mulher na sociedade, pode-se mostrar, através de um debate, a diversidade cultural feminina, comparando seu modo de agir e suas vestimentas com outras personagens, como por exemplo, Arlequina, mostrando que os comportamentos e vestimentas femininas também estão condicionados aos locais em que se encontram.

A personagem Arlequina também pode ser utilizada na sala de aula para reconto de história, proporcionando ao aluno a oportunidade de imaginar e usar a criatividade para criar um roteiro, desvinculando a imagem dela de Coringa, por exemplo. Assim, o book trailer torna-se uma ferramenta indispensável nesse contexto, já que se trata de um vídeo curto para chamar atenção do aluno para um livro ou filme, Arlequina é uma personagem derivada de HQ's que com sua trajetória cheia de revira volta abre um mundo de oportunidade para trabalhar conceitos de amizade, empatia, empoderamento e sororidade, construindo um novo olhar nas crianças a imagem da mulher. São as inúmeras estratégias pedagógicas que podem ser desenvolvidas em sala de aula a partir do cinema, em especial o foco em personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização dessa pesquisa, verificou-se que o cinema é um objeto que foi criado a partir do desejo do homem pelo movimento e que evoluiu em sua trajetória com grandes dificuldades, mas atualmente ocupa diferentes espaços, incluindo os ambientes escolares. Entende-se que as tecnologias fazem parte do dia a dia de crianças e jovens de todas as idades, por isso a escola precisa estar preparada para receber esses objetos e trabalhar com eles, desenvolvendo um aluno capaz de viver em sociedade e pensar criticamente.

A escola é um dos primeiros espaços que as crianças encontram a diversidade de pensamentos e ideias acerca de variadas situações, portanto, é necessário que ela trabalhe com temas atuais considerando que a criança ao ter contato com as diferentes tecnologias, mediações dos professores e o embate de ideias dos seus colegas, questiona e constrói novas concepções e princípios. Nesse sentido, ao utilizar do cinema para tratar sobre a imagem da mulher com o protagonismo feminino, a escola oportuniza para que as crianças entendam questões que vão além do gênero, como, entender como a sociedade se organiza, as diversas culturas existentes, e os papéis que as pessoas são postas para ocupar a partir de determinados padrões.

As análises realizadas a partir das personagens Fiona, Arlequina e Mulan mostram que ainda a um caminho longo a se percorrer para alcançar a total desconstrução de estereótipos sobre a mulher, as personagens ainda se rendem a alguns desejos patriarcais que nos remetem os pensamentos da sociedade acerca desse público, mas o cinema se mostra um excelente aliado para que essas mudanças aconteçam ao mostrar que as mulheres não precisam seguir padrões para se realizarem, suas escolhas podem ser feitas através de seus desejos e não do que se esperam delas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das letras, 2014.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, p. 9-28, 2005.
- ARAUJO, Patricia Martins de. **Protagonismo feminino: influências dos filmes de princesas da Disney para uma educação feminista**. 2018.
- ASSUNÇÃO, Carolina et al. Imagens de si na tela do cinema: reflexões sobre o Ethos Fílmico. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, p. 67-84, 2013.
- AVES DE RAPINA. Direção: Christina Hodson. Produção: Margot Robbie, Bryan Unkeless, Sue Kroll. Califórnia: DC Comics, 2020. HBOMAX (1h48m).
- BALLERINI, Franthiesco. **Cinema brasileiro no século 21: reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional**. Summus Editorial, 2012.
- BARBOSA, Taynah Ibanez. **As transformações de Arlequina: As representações do feminino nas mídias de entretenimento**. Tese (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BARDL N, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v.2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BEZERRA, Juliana. História do Cinema. **Toda matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema/>. Acesso em: 28 de junho de 2023.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CARVALHO, A. Personagens femininas em animações dos estúdios da Disney: transformações de perfis em mulheres complexas. **Monografia**, v. 85, 2014.
- DIAS, Ana Angélica da Silva Andrade; LIMA, Layara Karuenny Oliveira Silva; KARLO-GOMES, Geam. MULAN: possibilidades para uma pedagogia do imaginário infanto juvenil. **Revista Crítica Cultural**, v. 16, n. 2, p. 185-202, 2021.

ESQUADRÃO SUICIDA. Direção: David Ayer. Produção: Z. Snyder, D. Snyder, C. Wilson, G. Johns, C. Roven, R. Suckle. Califórnia: DC Comics, 2016. HBOMAX (2h2m).

EUSEBIO, Maria. Cinetoscópio. **Animação**, 30 de outubro de 2012. Disponível em: <https://mariaeusebio12av1.wordpress.com/historia/brinquedos-opticos/cinetoscopio/>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

EUSEBIO, Maria. Lanterna Mágica. **Animação**, 30 de outubro de 2012. Disponível em: <https://mariaeusebio12av1.wordpress.com/historia/lanterna-magica/>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

EUSEBIO, Maria. praxinoscópio. **Animação**, 30 de outubro de 2012. Disponível em: <https://mariaeusebio12av1.wordpress.com/historia/brinquedos-opticos/praxinoscopio/>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

FERREIRA, Simone de Sousa; SANTOS, Janaina de Jesus. Black panther: Discursos, identidades e gêneros. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 8, n. 9, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural: Para a liberdade e outros escritos**. 5º ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: a lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

FURIM, Mara Mone Ferreira Soares; CASTORINO, Adriano; SELUCHINESK, Rosane Duarte Rosa. Leitura do mundo e leitura da palavra em Paulo Freire. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 10, p. 244-257, 2019.

GOUVEIA, Maria Alice Lucena de. **A Construção do Protagonismo Feminino no Cinema Pernambucano na Contemporaneidade: Uma análise sobre o Édipo, a perversão e a prostituição na construção do imaginário sobre a mulher pernambucana**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

GRIZZLE, A; CALVO, M. C. T. **Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias**. Brasília/DF: Unesco, 2016.

HOLLEBEN, I. M. A. S. Cinema e Educação: diálogo possível. **Material didático**, 2008.

JORGE, M. S. Cultura popular, cultura erudita e cultura de massas no cinema brasileiro. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3196>. Acesso em: 03 junho de 2023.

LIMA, Aline de Amorim de. **O olhar feminino: estudo de caso da personagem Harley Quinn no cinema**. 2022.

LOPES, Denise. A mulher no cinema segundo Ann Kaplan. **Revista Contracampo**, n. 07, 2002.

MENDES, Mônica Vitória; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Protagonismo feminino em desenhos animados: Gênero e representações no entretenimento audiovisual. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 2, p. 125-144, 2018.

MICHELIN, Ana Helena Faria; GALON, Tanyse. O discurso imagético do “feminino”: Um estudo de caso sobre a personagem Arlequina. **In Revista| ISSN: 1980-6418**, v. 14, n. 1, 2022.

MORAIS, Hugo Arruda de. Michel Foucault e o discurso: as implicações teóricometodológicas da análise do discurso a partir das perspectivas da arqueologia do saber e da genealogia do poder. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 183-196, 2017.

MÜLLER, Janaina WAZLAWICK. **Para Além do Protagonismo: um estudo sobre personagens femininas da cultura pop e a heteronormatividade no cinema entre as décadas de 1960 e 1990**. 2020.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best-Seller/Abril Cultural, 1991.

RIBAS, Fernanda; PEREIRA, Bruno César. Cinema, gênero e história: representações do corpo e sexualização em Esquadrão Suicida. **Temporalidades**, v. 12, n. 3, p. 320-337, 2020.

RODRIGUES, Eliane A. Silva. Cinema e história: um olhar cultural sobre os espaços de sociabilidades. **João Pessoa**, 2003.

ROSINDO, Elaine Carvalho et al. **O cinema como prática pedagógica: os desafios na educação escolar do município de Santo Antônio do Içá-Am**. 2022.

RUFINO, YndrewsFilliph Ferreira. **Uso de filmes e curtas como recurso de apoio pedagógico**. 2020.

SANÁBIO, Laura. **Literacia midiática: O que é? Para que serve? Como funciona? Hoje, no texto do Medium**. Medium, 2019. Disponível em: <https://medium.com/cultura-digital-compet%C3%A2ncia-midi%C3%A1tica/literacia-midi%C3%A1tica-o-que-%C3%A9-para-que-serve-como-funciona-hoje-no-texto-do-medium-e683e9f772f5>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

SHREK 2. Direção: Andrew Adamson, K. Asbury, C. Vernon. Produção: DreamworksAnimation. Califórnia: DreamWorks, 2004. Netflix (1h32min).

SHREK TERCEIRO. Direção: Chris Miller, Raman Hui. Produção: Aron Warner. Califórnia: DreamWorks, 2007. Netflix (1h33m).

SHREK. Direção: Andrew Adamson, Vicky Jenson. Produção: John H. Williams. Califórnia: DreamWorks, 2001. Netflix (1h30m).

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília, DF: Unesco: UFTM, 2013.

ZAVERUCHA, Vera. **Lei do audiovisual passo a passo**. Rio de Janeiro, 1996.